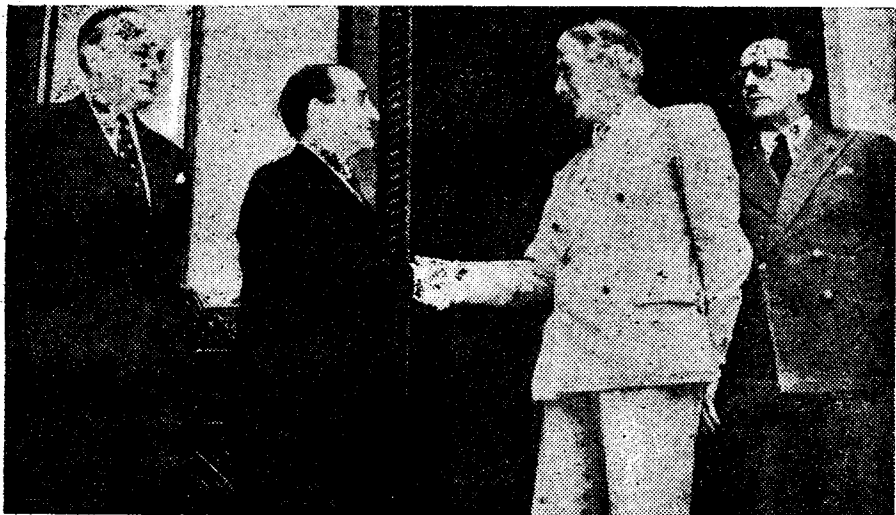


Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEFONES: 2 0271, 2 0272 e 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ, SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.ºEDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

O primeiro contacto internacional do novo chefe do Governo francês, sr. Mendès-France, despedindo-se do sr. Eden, após o almoço que lhe ofereceu. Nos extremos estão, à esquerda, o embaixador britânico em Paris, sr. Gladwin Jebb e, à direita, o embaixador francês em Londres, sr. René Massigli

A VIAGEM PRESIDENCIAL

O chefe do Estado teve carinhosa despedida à partida de Sá da Bandeira

SA' DA BANDEIRA, 23.—A cidade animou-se hoje desde que rompeu a manhã. E' que o chefe do Estado partia muito cedo, em automóvel de linha, para Vila Arriaga, de onde, em comboio da nova bitola internacional da Africa, prosseguirá a sua viagem, agora para Moçamedes. Nas ruas entre a residência do Governo da provincia da Huila e a estação do caminho de ferro, a multidão aglomerou-se, dificilmente contida por alas de filiados da Mocidade Portuguesa que se davam as mãos.

No largo fronteiro á estação viam-se também, com os seus bibes brancos, milhares de crianças das escolas com os seus professores e ali estavam mais uma vez, com as suas capas negras, o seu entusiasmo, a sua alegria, os seus gritos inconfundíveis, centenas de estudantes, os mesmos estudantes—alunos do Liceu Diogo Cão—que constituiram nas manifestações de Sá da Bandeira uma nota originalíssima, uma nota unica em toda a provincia. Prestava a guarda de honra junto da estação um batalhão de Caçadores indigenas a duas companhias.

Dentro da estação encontravam-se para apresentar as suas despedidas ao chefe do Estado o presidente da Camara Municipal de Sá da Bandeira, sr. dr. Amaral Espinha, o juiz da comarca, sr. dr. Bento da Costa, o administrador do concelho, sr. Silva Caldas, o director do semanário «A Huila», sr. tenente-coronel Vitória Pires, o agricultor e comerciante sr. Maximino Borges, cuja fazenda fora ontem visitada pelo sr. general Craveiro Lopes, e numerosas outras personalidades de relevo, entre as quais os srs. general Pinto Monteiro, comandante militar de Angola, eng.º Trigo de Moraes, inspector geral do Fomento Ultramarino, e o dr. Rafael Avila de Azevedo, chefe dos Serviços de Instrução de Angola, que veio a esta cidade expressamente para acompanhar o sr. presidente.

(Continua na página central)

O «cancro do vidro» já chegou a Vila Franca

VILA FRANCA DE XIRA, 23 (Pelo telefone)—O «cancro do vidro» já chegou a Portugal, e o fenómeno operou-se hoje, pelo meio dia, quando pela nova ponte da Couraça, perto do Carregado, passava uma furgoneta da firma Norton & C., da Calçada do Sacramento, 28, conduzida pelo seu representante sr. Julio Viegas Carvalho, residente na Avenida Ivens, no Dafundo. Sem que nenhum objecto estranho embatesse no para-brisas, o condutor ouviu um ruído, semelhante ao de uma pequena bomba de Santo António, e o vidro estilhaçou-se, com um orificio donde irradiam rachas geométricas, mas conservando-se no seu lugar. Numerosas pessoas verificaram o fenómeno para que se não encontra justificação, mas que guarda semelhança com outros de que os jornais estrangeiros têm dado noticia com a designação de «cancro do vidro».

(Continua na página seguinte)

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

O CASO DE GOA

As revoltantes pretensões do Pandita Nehru

pelo ENG. CUNHA LEAL

1 — A India portuguesa em perigo

Propósitos de incorporação dos territórios portugueses de Goa, Damão e Diu no todo imperial indiano vêm sendo manifestados com persistência e sem reboços pelo Pandita Nehru. E' certo que este campeão de um neutralismo procomunista na área geográfica da Asia assevera á boca cheia que o seu objectivo haverá de alcançar-se por métodos pacíficos, sem recurso ostensivo ao potencial militar da sua pátria. Se assim fosse, de facto, se se tratasse meramente de uma competição entre a consabida paciência e pertinácia de orientais e o nosso natural irrequietismo de ocidentais, não seria tão vincado o estado de alarme da consciência portuguesa. Limitar-nos-famos a sofrer as nossas impaciências temperamentais e a responder ás sistemáticas e insistentes reclamações de Nehru com um não menos sistemático e insistente «non possumus».

Simplemente, não se desconhece neste cantinho da Europa que Nehru pretende, por um lado, exercer uma pressão económica indesculpável sobre os enclaves indo-portugueses, por outro lado—e isso é bem mais grave—, improvisar dentro destes, sendo possível, actividades provocadoras pro-indianas ou criar incidentes de fronteira, se o quintacolonismo não proliferar ali. E qualquer pretexto, ainda que mau, poderá servir para uma pretensa cruzada de libertação de populações, que, aliás, encaram a perspectiva de um fenómeno desta natureza como um pesadelo e olhariam o seu sucesso como o maior flagelo que sobre elas poderia desabar.

Assim, pois, o pacifismo dos governantes indianos, tão arredados da doutrina de Gandhi, é a máscara com que pretende ocultar-se uma realidade bem diversa: a avidez de expansão e conquistas territoriais, umas vezes justificada pelo sentimento e pela inteligência, outras vezes calcando aos pés os mais elementares imperativos da moral e da razão. Nehru

(Continua na 6.ª página)

Mendès-France chegou a Berne para conferenciar com Chu En Lai

BERNE, 23—Pierre Mendès-France, presidente do Conselho e ministro dos Negócios Estrangeiros da França, chegou á capital helvética ás 6 e 55. Era aguardado na estação por Max Petit-pierre, chefe do Departamento político federal, e por Jean Chauvel, embaixador da França, rodeado pelos seus colaboradores.

Ao apear-se, Mendès-France prestou-se de boa vontade ás exigências dos inumeros fotografos e cineastas que tinham invadido o cais da estação de Berne.

Declarou não ter por ora qualquer comentário a fazer acerca da sua visita, assim como a respeito das conversações que terá esta tarde com Chu En Lai, primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros da Republica Popular Chinesa.

Mendès-France seguiu imediatamente para a embaixada da França, e foi recebido ás 11 e 30 pelo chefe do Departamento Político federal. A entrevista seguiu-se um almoço na Casa de Wattenville.

A entrevista do chefe do Governo francês com Chu En Lai realiza-se ás

(Continua na página central)

CARTAS DA ITÁLIA

A exposição atómica na Piazza del Popolo

Portugal, primeira potência europeia de urânio por ARTUR PORTELA

ROMA, 20.—(Pela Panair do Brasil).—Encontro a cidade eterna mais calma. O homem da rua menos precipitado com a política, e os velhos muros dos «corsos» monumentais, e das vias estranguladas, entre altos palácios de uma moribunda aristocracia, despidos daquelas imagens ululantes ou impressionantes, em que as numerosas facções parlamentares, afirmavam, nos annos anteriores, com mais ou menos justiça e eloquência, os seus direitos e as suas doutrinas.

Nem sequer o porteiro do «alberge», fascista civilizado pelo cosmopolitismo da profissão, me fala de Togliati, nem de Mário Scelba, naturalmente, porque se entenderam por detrás da cortina, tanto mais que Montecitorio está a férias, sob esta ardente canícula romana.

Tudo parece sem prognósticos (sempre falazes) ter encontrado um equilibrio estável, pelo menos, a praso. O Governo investe «40 miliardi» de liras na agricultura, para irrigação das regiões pobres, selecção de sementes, compra de terras dominiais e, por outro lado, aumenta o preço do tabaco, mas ligeiramente, dez liras em cada maço, o que permite aos viciados continuarem a fumar, sem agravo de maior para a sua economia.

Como está Roma, esta cidade universal, cuja pompa arquitectónica, os séculos e as guerras têm poupado, até mesmo, nas suas ruínas im-

SE A CONFERENCIA SE MALOGRAR... — (2)

Os Estados Unidos abandonaram a política dinâmica no Oriente receando o isolamento diplomático dos seus aliados atlânticos

por ATTICUS

PARIS—Junho—O fenómeno mais extraordinário e mais digno de registo a que assistimos neste momento resume-se em poucas palavras: tudo se passa como se a direcção da coligação occidental tivesse escapado das mãos dos Americanos. O mais extraordinário é que esse facto se deu precisamente numa região—a do Pacifico—que foi sempre considerada como uma cotada dos Estados Unidos. Não é necessário ir procurar mais longe o segredo da politica actual do Governo de Washington, politica que se carac-

teriza por numerosas hesitações e flutuações e cuja indecisão se traduz por uma série de contradições e modificações incessantes, as quais são de molde a desnortear o observador mais sereno e objectivo.

Os Estados Unidos não têm liberdade de movimentos para tomar as

(Continua na 3.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Cartas da Itália

(Continuação da página anterior)

periais? Tal qual como um enorme museu de antiguidades, que a Primavera todos os anos enflora de vermelhas flores, e as asas das andorinhas, engrinaldam no céu, cantando o hino ao Sol do Poverello.

Mas se não muda, na sua severa e majestosa fisionomia, as romanas estão cada vez mais, luxuosamente, provocantes. Já não parecem as pálidas e nervosas heroínas românticas de D'Annunzio, nem mesmo as berninescas estátuas das fontes e dos acrotérios, que tivessem descido dos pinhos gloriosos, para encher a «Via dei Taurini», á hora em que o Sol sobe, com elas, até á «Piazza Barbarenia», entre cintilações de metais dos escaparates de luxo, e a vertigem dos cem mil veículos que pejam as artérias da milenária urbe.

Agora são todas, com carnal pujança, mais ou menos Silvanas Pampaninis. Os seios subidos, volumosos, realçados por malhas finas, e, quase sempre, de rubra cor, coraçam-nas como amazonas de guerra, de armaduras de ferro, de picos acerados. Outro dia um fotógrafo francês, com evidente patriotismo, apresentou uma meridional parisiense, que os tinha fartos e sasonados, com doze centímetros de diâmetro. Pois se aqui viesse, ficaria assombrado! E não suponham que é paganismo ofensivo dos costumes. Numa cidade, como esta, em que a nudez, até no Vaticano, se apresenta, tal como Eva e Adão, no Paraíso, em plena inocência—não há bambaio, mesmo educado nas vias do Trastevere, que se atreva a cobrir de flores de admiração surpresa ou de estupefacto galanteio, semelhante pujança carnal. De resto, foi ali, no bairro pobre, nas margens do Tevere (Tibre) que Fornarina, do seu balcão, se fez amar, e depois pintar, por Rafael, tão exuberantes eram essas mesmas galas físicas.

O Italiano é ciumento como um Oteló. Quando os vejo passar, enlaçados ás Desdemonas romanas, colhendo, em plena rua, como bagos de romã, os beijos vermelhos dos seus lábios, nem sequer olho—não por decência, mas para não ser atravessado e cair morto, com o negro e acerado punhal, dos olhos coléricos. Deixá-los, e que a loba do Capitólio, continue dando á Pátria, multiplicando-os, como es areias do deserto, os Rómulos e Remos, da lenda fundadora da cidade eterna.

Salvador Dali anda pelos cartazes, e conto vê-lo dentro em pouco, de bigodes de rabicho, a disputar a Picasso, já velho e a vender horribes cerâmicas, por bom preço, aos «yankees», o trono da extravagância estética.

Em todo o espanhol, há muito de D. Quixote e um pouco de Sancho Pança. São mistificadores heroicos, do tempo das descobertas. Colombo não foi um deles, quando descobriu parte da América, e pomposamente, a crismou de Índia Ocidental? Pois Dali, o mesmo que pendura o guarda-chuva manchego, no ramo de uma árvore, deixando-a sózinha, a tiritar de frio, e encharcada até aos ossos, na pluviosa desértica da mezeit, pinta, com tocante ternura, uma linda Virgem, a de Lobugut, que parece ter descido á terra, por instantes, num milagre de fé e de ressurreição!

Outro, certame, porventura, mais importante, como expressão, atrai agora a curiosidade de Roma, na Praça do Populo, coração da cidade, entre as igrejas de Santa Maria di Monte Santo e Santa Maria dei Miracoli, em frente mesmo das escalinatas do Pincio, entre estátuas coroadas, um obelisco egípcio historiando não sei que existência faraônica, e leões de pedra, domesticados, que, em vez de rugirem, como é seu selvático direito, arrojam pelas fauces, uma cristalina e prateada linfa.

Trata-se da «exposição atômica», ou melhor, como dizem aqui, de uma «mostra», que se pode traduzir, plena e sugestivamente, por amostra. Aquilo deve ser por obra e graça dos Americanos. O recinto está decorado com inúmeras bandeiras, com predominância da tricolor italiana e de estrelados, estandartes do Novo Mundo.

Esquema perfeito. Meia duzia de vagões-automóveis, que se convertem em «stand», que são outras tantas imagens de uma pequena cidade-museu rolante. Mas não a julguem, meramente, documental e silenciosa. Fala, discursa, tem um cinema voltado para a rua, gabinetes esquisitos á Dr. Cagliari, que nós vimos nos «ecrans» de Lisboa, se não de Cagliostro, ou de Mesmer, em prodígios cabalísticos.

O curioso é que o certame não pretende demonstrar os efeitos terríveis da fissão do urânio. Pelo contrário. Afirma em letras rotundas: *o átomo é a esperança de hoje, o futuro de nossos filhos!* Enquanto um orador faz, através do cinema, uma electrizante conferência, damos uma volta, pelos diferentes pavilhões da exposição. Tudo é demonstrativo: pequenos cilindros, *Urânio-235*, que pesam um quilo, e estão, devidamente, resguardados, em camaras de vidro, provam-nos que, aquele pedaço negro de matéria, é o suficiente para fornecer energia, aquecimento e iluminação á uma cidade de cem mil habitantes, durante mês e meio. Cada quilo de urânio, menor que o tamanho de um charuto vulgar, embora mais grosso, armazena nas suas radioactivas partículas escuras tanta energia como dois milhões e seiscentos quilos de hulha. Os números vão subindo assustadoramente. Com um pequeno fragmento da misteriosa e terrível matéria, que se guarda como um lapis, na algibeira, um comboio dá três vezes a volta ao Mundo, a 110 milhas á hora.

Em pleno apocalipse, como vêem! Mas, repito, a exposição não tem um aspecto belico. Nada nos lembra Hiroshima, que era a infância da arte, nem mesmo as ilhas submergidas pelo terrível cogumelo atômico, lá para a Indonésia. Tudo é exposto, eficientemente, para demonstrar que a idade atômica é a era da

paz. Que a ciência descobriu o segredo fundamental da felicidade humana.

Assim vêm-se os efeitos do fosforo nos tumores do cerebro e do iodo nos cancros, os resultados do tratamento do iodo na glândula tiroide, e os do sódio na circulação do sangue—mas, todos esses produtos naturais, ou farmacológicos, previamente, impregnados, de radiações atômicas. Lá vimos o famoso contador Geiger, simplesmente, banal, e também numerosas vacas com os uberes transformados em inesgotáveis centrais leiteiras, tratadas pelas radiações, bem como plantas, cujo crescimento é fantástico.

Pelo visto, acaba-se a fome, a doença, altera-se a natureza, modifica-se a vida, intima-se a dama de lutooso veu, que é a Morte, a retirar para outro planeta, o que é sumamente, vantajoso.

Até o velo de oiro dos carneiros passa a ser uma realidade não mitológica!

A humanidade está, pois, de parabéns. Tem, em suas mãos, a boceta de Pandora, donde tanto pode sair o bem como o mal.

E os Americanos, que nos dão uma galeria de cabeças políticas internacionais, desde Eisenhower ao chanceler Adenauer, como extras desta exposição, apresentam ainda o «Nautilus» o primeiro submarino atômico, com uma pilha, que cabe no bolso e aviões e comboios, movendo-se pela dissociação do urânio, vertiginosa, infinitamente, como as orbitas eternas das estrelas. E elas afilgem-se, com o crescimento da humanidade! Como alimentá-la, vestí-la, aquecê-la, se não recorrendo ao misterioso urânio, visto que no ano 2050—já não o veremos!—seremos, humanamente, á face da terra, seis bilhões de seres, quando em 1952 não passávamos, miseravelmente, de dois incompletos bilhões e meio.

O mais interessante é que descobriu um planisfério, com um dispositivo de pequenas lâmpadas electricas, de várias cores, com luz intermitente, onde Portugal é considerado a primeira, se não única potência de urânio, no velho continente.

Lisboa está marcada com uma luz verde, crepitante, fascinante! Patrioticamente, rejubilei, esquecendo, até, a outra lampada, da mesma cor, no Sul da França, que parecia um debil fogacho, ao lado da nossa deslumbante e alterosa fogueira. São as unicas jazidas de urânio, em toda a «Europa», para cá da «cortina de ferro» soturnamente apagada.

E nós a dizermos, aos quatro ventos, que somos um país pobre!

«Sempre Fixe»



«Sempre Fixe» desta semana abre com uma página magistral de F. Valença, mestre de desenhadores e mestre de humoristas, e fecha com uma admirável página de caricaturas estrangeiras, do que há de melhor lá fora.

Além disso o presente numero do interessante semanário insere soberbos desenhos de mestre Carvalhais e doutros artistas portugueses como Pargana, António, Pedro Carvalho, etc.

Na parte literária podem citar-se Santos Fernando, Sanz Vieira, Neves Reis, Manon, Manuel Martinho, José Rosado, Carlos Pinhão, Raul da Costa e muitos outros, que todos valorizam o magnifico hebdomadário.

Leia-o, e o leitor dará o seu tempo por bem empregado.

Bombeiros V. Lisbonenses

Rua Camilo Castelo Branco, 33

HOJE: «SOIRÉE» DANÇANTE

AS 22 HORAS

PORTUGAL CONGO AFRICA DO SUL



A ÚNICA COMPANHIA AEREA QUE POSSUI 30 ANOS DE EXPERIENCIA EM AFRICA E SERVE 43 CENTROS AFRICANOS

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

SABENA

PEQUENAS NOTÍCIAS

CONFERÊNCIAS

A Sociedade Portuguesa de Contabilidade promove depois de amanhã, pelas 21 e 30, no salão nobre do Instituto Comercial de Lisboa, uma sessão de conferências sobre a acção daquele organismo na Comissão Europeia de Peritos Contabilistas, que serão proferidas por três dos seus associados.

O sr. dr. José Garcia Domingues realiza depois de amanhã, ás 21 e 30, na Sociedade de Geografia de Lisboa, uma conferência subordinada ao tema: «Bases históricas das relações entre Portugal e Marrocos».

A conferência que o sr. prof. Edgar Cardoso devia proferir amanhã, na Ordem dos Engenheiros, foi transferida para o dia 1 de Julho.

FESTA DE ESTUDANTES

A direcção da Associação dos Estudantes de Agronomia promove no próximo sábado, ás 16 horas, um «garden party», na Tapada da Ajuda.

ASSOCIAÇÃO LUIS BRAILLE

A Associação Luís Braille, instituição de assistência aos cegos, comemora depois de amanhã, ás 21 e 30, o 27.º aniversário da sua fundação, com uma sessão cultural e artística, totalmente a cargo de artistas cegos.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Realiza-se hoje, das 22 horas até de madrugada, na Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, uma festa dedicada aos sócios e suas famílias.

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS

No átrio do cinema Stadium, em Algés, está aberta, até depois de amanhã das 18 ás 20 horas, uma exposição de fotografias promovida pelo Sport Algés e Dafundo, integrada no programa das comemorações do seu aniversário.

Reunião do curso médico de 1924-1929

Nos próximos dias 26 e 27 reúne-se o curso médico de 1924-1929 afim de comemorar o seu 30.º aniversário.

No dia 26, ás 10 horas, haverá missa em memória dos professores e colegas falecidos, rezada na igreja da Pena. Seguir-se-á uma visita ao novo hospital-escola que será orientada pelo prof. Adelino Padesca. Após esta visita, realizar-se-á um almoço de confraternização seguido de visita de cumprimentos aos antigos professores.

No dia 27 o curso vai em excursão a Tamar onde está marcado um almoço.

Todas as informações podem ser fornecidas nos telefones 21593 e 54846.

O desabamento na Rotunda

As vedações que limitam a faixa do transito de veículos em frente do terreno da Avenida Fontes Pereira de Melo, cujo tapume ontem abateu, já foram hoje deslocadas para mais próximo das linhas dos carros eléctricos, e afirmam-nos que, no passeio, já se notam fendas, que denunciam a presença de perigos que urge evitar. Tudo isto confirma a razão que nos assistia ao denunciar o perigo que, após as escavações realizadas no terreno, oferecia o referido tapume, que, aliás ameaça também ruína do lado da Avenida Duque de Loulé, como noticiámos.

Os comandos da Legião visitaram o cardeal-patriarca

O sr. cardeal-patriarca recebeu esta tarde o comandante-geral da Legião Portuguesa, sr. general Almeida Topinho, o seu chefe do Estado-Maior, sr. tenente-coronel Pereira da Conceição, e outros membros do seu comando, que ao sr. D. Manuel Cerejeira foram oferecer filmes coloridos acerca da Defesa Civil do Território e pedir a colaboração das escolas católicas, do próprio seminário e dos organismos da Acção Católica para a D. C. T.

Conferência

O Ex.º sr. Claude Rossier, engenheiro-chefe do gabinete de cálculo de transformadores dos «Ateliers» de Sécheron em Genebra, proferirá no próximo dia 25 do corrente, pelas 21 e 30 horas, na sede da Ordem dos Engenheiros, uma conferência subordinada ao título: «Transmissions á tres haute tension». No fim da conferência será projectado um filme sobre «Sécheron».



— Sabe o que é uma frigoria?
— Não sei...
— É a unidade adoptada pela indústria frigorífica para medir as quantidades de frio.



— Sabe qual é o combustível que produz em casa o frio que desejar para a conservação de alimentos, frutas, legumes, leite, etc.
— Não sei...
— É o Gascidla, que, empregado no accionamento de frigoríficos, qualquer que seja o local em que se viva, proporciona refrigeração confortável e eficiente para as necessidades caseiras.
— Ah sim? É colossal!...



— É o Gascidla, que, empregado no accionamento de frigoríficos, qualquer que seja o local em que se viva, proporciona refrigeração confortável e eficiente para as necessidades caseiras.
— Ah sim? É colossal!...

Os Americanos e a Indochina

(Continuação da 1.ª página)

decisões que quer, por dois motivos: primeiro, porque os seus aliados europeus os não acompanham na política asiática que se propunham fazer, e em segundo lugar, porque esses aliados europeus se opõem com tenacidade, aos seus desígnios, destacando-se nesse capítulo a Grã-Bretanha.

Um complexo de inferioridade

Nada custa reconhecer que a nação americana se encontra dominada, neste momento, por um complexo de inferioridade que, apesar da sua riqueza e prosperidade, está a manifestar-se de maneira inequívoca por um esforço para fazer acreditar que nada a impedirá de intervir na Indochina ou em qualquer outro ponto do Sueste asiático. Em fins de Maio o presidente Eisenhower declarou que a intervenção militar dos Estados Unidos na Indochina poderia dar-se mesmo sem a colaboração da Grã-Bretanha. Em 19 daquele mês o presidente encerrava ainda a possibilidade da realização de um pacto para o Sueste asiático e o sr. Foster Dulles dizia que o Governo a que pertence não hesitaria em assumir, sozinho, a responsabilidade da defesa do Sueste asiático, se tanto fosse necessário. Mas o Governo de Washington absteve-se de tomar qualquer iniciativa militar, e o mesmo sr. Foster Dulles, falando em 11 de Junho em Los Angeles, acusou os Ingleses de se terem oposto à realização do seu projecto de pacto asiático.

O receio do isolamento

A fraqueza da posição dos Estados Unidos—pois é disso que se trata—em relação aos seus aliados explica-se pelo receio que os Americanos têm de ficarem isolados. Mais do que qualquer outro povo, o povo que fez, durante tanto tempo, do isolamento a sua doutrina oficial de política externa, receia-o hoje sinceramente. Só por isso os Ingleses, ao recusarem a sua colaboração a uma acção de conjunto na Indochina, detiveram todas as veleidades de intervenção manifestadas em Washington. Foi ainda pela mesma razão que, perante a recusa britânica, os dirigentes dos Estados Unidos se abstiveram de desencadear uma acção unilateral que marcaria o fim da unidade e da solidariedade das potências ocidentais.

Para compreender esta atitude do Governo de Washington e a importância que ele atribui à sobrevivência da aliança atlântica, basta pensar nas condições em que foi demitido o mais popular general dos Estados Unidos, Mac Arthur. Este, ao preconizar a intervenção isolada do seu país na China, comprometeu a unidade atlântica e levou o presidente Truman a demiti-lo das suas funções no Oriente.

A favor duma política colectiva

Das recentes declarações do sr. Foster Dulles resulta que, neste momento e até nova ordem, o Governo americano desistiu da sua anunciada intervenção na Indochina e no Sueste asiático. Se essa intervenção for um dia encarada, se-lo-á no quadro de uma acção colectiva. Em 4 de Junho, durante uma reunião com os representantes da Imprensa, o sr. Dulles afirmou que os Estados Unidos não interviriam na Indochina fora do quadro dessa acção colectiva, para precisar, pouco depois, em Los Angeles, que a eventual intervenção americana está condicionada por um pedido formal da França e dos Estados Associados, os quais deviam apresentá-lo oficialmente ao Conselho da O. N. U.

Por outras palavras: o actual Governo republicano, como o anterior Governo democrático no caso da Coreia, só se propõe intervir na Indochina sob a bandeira da segurança colectiva. Nesse caso, mesmo que a Grã-Bretanha mantivesse de começo uma atitude de oposição, acabaria por enfileirar com os Estados Unidos.

As condições irrealizáveis

De acordo com as palavras do sr.

DEPOIS DO JANTAR

Visite as montras da CASA MAX
193 — R. D. Estefania, 193-F.
2-A — Av.ª Praia da Victoria, 2-D.

Foster Dulles, os dirigentes americanos desejam encontrar «alibis» para desculpar o seu abandono de política dinâmica na Ásia, política que era preconizada pelas mais categorizadas figuras do Partido Republicano, desde a sua subida ao Poder. Esta atitude foi essencialmente ditada por motivos eleitorais.

O Partido Republicano ganhou as eleições de 1952 prometendo pôr termo à guerra da Coreia. Sem correr o risco de uma esmagadora derrota nas eleições de 1954, não podia aventurar-se, envolvendo o país noutra guerra, desta vez na Indochina.

Além das condições a que nos referimos, o sr. Foster Dulles pôs outras que apontou como indispensáveis a uma intervenção eventual no conflito indochinês. O conhecido jornalista do «New York Times», James Reston, que as revelou, considera-as irrealizáveis. São as seguintes: concordância dos chefes do Estado-Maior das três armas para se estabelecerem as modalidades técnicas da intervenção; colaboração da Grã-Bretanha e dos outros países ocidentais; independência completa aos Estados Associados; autorização do Congresso de Washington.

O acordo impossível

Nada menos provável do que a realização de um acordo à volta dessas condições. Se a intervenção americana depende, efectivamente, delas, é certo que nunca mais se realizará. Sem falar das divergências que subsistem entre os pontos de vista de Londres e Washington, os próprios chefes militares americanos estão divididos quanto à possibilidade e à oportunidade da intervenção do seu país na guerra da Indochina. Finalmente, o presidente Eisenhower discorda das medidas preconizadas pelo almirante Radford.

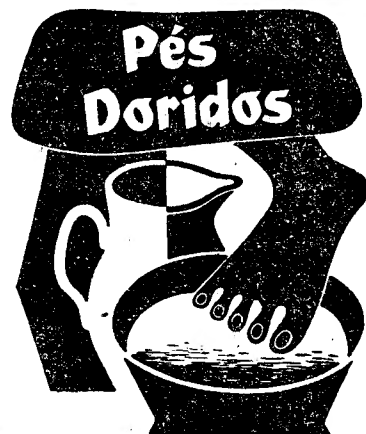
Há ainda a considerar a atitude do Congresso, cujos membros se mostram fundamentalmente preocupados com as próximas eleições de Novembro, as quais são para eles de uma importância decisiva. Nas condições em que está a evoluir a política asiática dos Estados Unidos, é arriscado fazer prognósticos, pois, mesmo os que mais abertamente falam de uma modificação da posição oficial no caso da Indochina não se recusam a admitir, em certas condições, a hipótese da intervenção.

ATTICUS

A secção portuguesa da B. B. C. em riscos de desaparecer

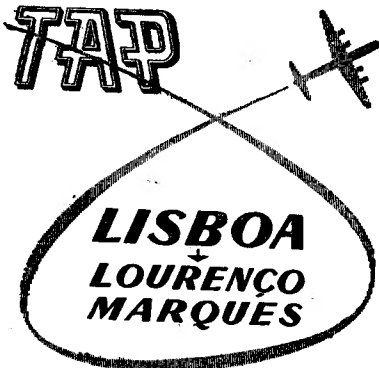
PARIS, Junho—Consta em Paris que a secção portuguesa da B. B. C. está ameaçada de extinção. Tal notícia tem impressionado vivamente os amigos e admiradores daquela secção, mesmo aqueles que, ausentes da Pátria, deixaram há anos de a escutar. Grande será, sem dúvida, o prejuízo que daí adviria para o público português, doravante privado de uma fonte de informação a que se habituou desde os dias dolorosos da última guerra mundial e a qual ficou, independentemente da reconhecida qualidade radofónica dos programas em questão, profundamente ligado por laços afectivos. Parece, por outro lado, absurdo que a Inglaterra esteja disposta a sacrificar um instrumento de comprovado êxito na revelação dos seus valores, um meio até hoje sempre eficaz de contacto, de conhecimento e compreensão.

E' muito para desejar que semelhante medida não venha quebrar um elo tão forte e necessário da amizade luso-britânica.—U. T. R.



Aliviados rapidamente

Com um banho de Saltratos Rodel (sais sabiamente doseados e maravilhosamente eficazes). Acabarão as dores. Os pés ficam aliviados, "desfatigados". Abranda a mordedura dos calos. Hoje mesmo, um banho com Saltratos Rodel. Passará a andar com alegria! À venda nas farmácias, drogarias, perfumarias e em todas as boas casas. Preço modico.



A PARTIR DE 1 DE JULHO QUINTAS-FEIRAS

Ida Esc. 12.117\$70

Ida e volta ... » 21.667\$90

(INCLUIDOS TODOS OS IMPOSTOS)

Evite o cheiro a suor

E que a acção cáustica deste se impregne na roupa branca e no vestuário, usando o **Sabonete Desodorizante Casulo**, composto com a famosa substância alemã Wirksstoff F. S. 64, da Terpal-Chemie, de Hamburgo, cujo sabonete impede também as infecções bacterianas e as da fungosidade da pele (inflamações, borbulhas, espinhas, etc.). À venda nas melhores Drogarias, Perfumarias, etc., do País.

NINA

BOITE DE NUIT

à tarde e à noite

Glória Maroto

(Para adultos)

Novidade em Portugal!

PRETO
PRETO ARGENTÉO
CINZENTO PRATEADO
VERDE MARINHO
ROSA RAIADO
TARTARUGA ESCURO
TARTARUGA CLARO

SOENNECKEN

Canetas de tinta permanente e lapiseiras da mais alta categoria em 7 padrões diferentes - num conjunto de indiscutível beleza - produtos da melhor fábrica alemã.

SOENNECKEN

uma marca que se impõe!

111

À venda em todas as casas da especialidade

Teatros e Cinemas

A estreia de hoje

«Barreiras vencidas», no Império

A película que o Império apresenta esta noite, é uma das melhores produzidas na América. Trata-se de uma história bem contada, em que se encontram soluções para vários problemas de ordem social e religiosa. A interpretação, a cargo de um grupo de artistas categorizados, entre os quais, John Wayne, é de nível superior.

Atrás do reposteiro

Dada a insuficiência de actores, verificada para a formação do elenco que no Teatro Arco-Iris, da Feira Popular, há-de desempenhar a revista «Foi um peixinho do mar», a companhia será apenas constituída por actrizes.

—A tradução da comédia espanhola «Com a vida do outro», do repertório da companhia Alma Flora-José Gamboa, é de Domingos Freitas.

—A companhia de comédias Vasco Santana realiza amanhã e depois espectáculos no Teatro da Covilhã.

—Só depois de ser estreada no Teatro Monumental a peça «Crime Perfeito» é que o empresário Vasco Morgado decidirá do início dos ensaios da revista «Mulheres há muitas».

—Todo o cenário do repertório do Teatro do Povo está a ser pintado pelo cenógrafo Manuel da Cunha e Silva.

—A artista Peggy Astor não participará do desempenho do novo «show» que a «Boite Casablanca» vai estreiar na próxima sexta-feira. Esta artista foi convidada para o elenco da companhia do Teatro Arco-Iris.

—João Villaret e o pianista Armando Rodrigues estreiam-se no sábado no Casino Estoril em numeros de «music-hall».

—A Empresa Salvador e Rui, Lda., continua na próxima época de Inverno a explorar o Teatro Maria Vitória, com espectáculos de género musicado.

—De acordo com o decreto ultimamente publicado, os teatros-cines do Porto são obrigados a realizar, anualmente, 120 espectáculos de teatro. Para esse fim, foram vistoriados os teatros S. João, Rivoli, Vale Formoso, Carlos Al-

berto e Águia de Ouro. Este ultimo terá de fazer obras de beneficiação, caso pretenda funcionar como teatro, visto que há anos apenas tem funcionado como cinema.

Primeiras exhibições

«Os heróis do medo», no Alvalade

Jerry Lewis e Dean Martin constituem uma parilha de cómicos que no cinema exploram o riso por processos semelhantes aos das mais famosas, mas com certa originalidade. Neste filme são eles próprios, dois cómicos de «music-hall», com o medo que ambos sofrem na instrução e manobras de uma unidade de para-quedistas. A situação presta-se para gargalhadas, e estas sucedem-se para satisfação do espectador, que assim se evade dos problemas do Mundo, pelo menos por um par de horas.

Norman Taurog realizou com vista ao referido fim e, além dos dois cómicos, encontrou boa colaboração em Mona Freeman, «uma monada» — como dizem os Espanhóis — em Don De Fore e em Robert Strauss. — Visor 60.

«O fio da meada», no Capitólio

Baseado em documentos oficiais do F. B. I., realizou Edward Ludwig um bom filme de espionagem que se desenrola em Haway, cuja base naval é ameaçada. John Wayne representa admiravelmente a figura do agente secreto, dando prestígio às suas diligências, inteligentes e convincentes, para a descoberta de «O fio da meada». Ao lado do excelente actor, nomes tão acreditados como os de Nancy Olson, James Arness, Alan Napier e Vera Ann. Complementos variados. — Visor 61.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

NACIONAL—A's 21 e 45—«Prémio Nobel». MONUMENTAL—A's 21 e 45—«E proibido suicidar-se na Primavera».

AVENIDA—A's 21 e 45—«Cinco minutos antes».

TIVOLI—«O rei dos pandegãos».

EDEN—«Momento de perdição».

SÃO JORGE—«Beija-me, Catarina».

IMPERIO—«Barreiras vencidas».

MONUMENTAL—«As pistas chegam a Berlim».

POLITEAMA—«O cavaleiro da rainha».

ALVALADE—«Os heróis do medo».

CONDES—«O filho de Lagardère».

COLISEU—«Aldeia da roupa branca».

ODEON E PALÁCIO—«Dona Francisquita».

CAPITÓLIO—«O fio da meada».

OLIMPIA—«Ultima fronteira».

TERRASSE—«O malabarista».

LIS—«A bela e o renegado».

JARDIM—«Segredo de irmã».

PROMOTORA—«O tempo não está para flores».

CHABY (Algueirão)—«A deligência fantasma».

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL A'S 9 HORAS DE HOJE — Mantém-se o bom tempo em Portugal continental pela acção conjunta duma depressão centrada a Leste de Portalegre e dum anticiclone centrado a Norte dos Açores.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ — Ceu com algumas nuvens, por vezes limpo. Vento Norte bonançoso, podendo soprar com rajadas frescas durante a tarde na faixa costeira ocidental. Possibilidade de nevoeiros matinais junto à costa a Norte do Cabo da Roca. Pequena subida de temperatura.

PROGRAMAS DA RADIO

EMISSORA—A's 18, Danças; 18 e 30 Meia-hora inglesa; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Orquestras de salão; 20 e 35, Campanha Nacional de Educação de Adultos; 20 e 50, Música ligeira portuguesa; 21, Noticiário; 23 e 50, Resumo noticioso e encerramento.

Programa «A»—A's 19, Noticiário; 19 e 5, Recreio musical; 19 e 30, Cantares e danças populares; 21 e 15, Instrumentistas em voga; 21 e 30, 10.º episódio da adaptação radiofónica de «Os Fidalgos da Casa Mourisca», de Julio Dinis; 21 e 50, «Ouvindo as Estrelas»; 22 e 50, Vozes do Mundo; 23 e 10, Valsas; 23 e 20, Danças.

Programa «B»—A's 19, Ciclo Beethoven; 19 e 50, Noticiário regional; 21 e 15, Leituras Portuguesas; 21 e 30, Ópera: «Falstaff», de Verdi, e notas; 23 e 35, A Orquestra de Camara de Boyd Neel.

RADIO CLUBE—A's 18, Trechos recreativos; 18 e 30, Casa Branca; 19, Fados e guitarradas; 19 e 30, Jornal; 20 e 15, Últimas gravações; 20 e 45, Programa Robb'Alac; 21, Passatempo; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 0, Musica de baile; 0 e 30, Orquestra de Victor Young; 0 e 45, Rádio-jornal; 1, Fecho.

RENASCENÇA—Das 18 e 30 as 0. POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 as 19 e 30, Rádio Restauração; das 19 e 30 as 22, Rádio Graça; das 22 a 1, Rádio Peninsular.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO B—União—Estrada de Benfica, 592-594—Tel. 58-092; Aguiar—Estrada de Benfica, 197-199—Tel. 58-043; Leal de Matos—Rua de Neves Costa, 33-35—Carnide—Tel. 58-181; Pauleia, Herdeiros—Rua do Lumiar.

ESCOLA D. PEDRO V

Monsenhor, Cento, nuncio apostólico, visita amanhã, às 11 horas, a Escola D. Pedro V, na Rua 1.º de Maio, 3, onde será recebido pela direcção da Obra das Mães para a Educação Nacional, pelo director da escola e professores.

EDEN

6.ª feira ESTREIA



TOTO*FABRIZI
Lea **PADOVANI**
Peppino **DE FILIPPO**

NOVO DIA

UNA DI QUELLE)
(Para adultos)

É um filme cómico...
É uma história humaníssima e moral
É UM DRAMA!

TÓTÓ

Numa interpretação magistral, digna de
CHARLES CHAPLIN

FABRIZI

No seu estilo inconfundível
e agora também REALIZADOR
É uma produção EXCEPCIONAL
Distribuída pela PARAMOUNT

Mestre Valença e Stuart

Os dois maiores nomes da caricatura nacional, mestre Valença e Stuart Carvalhal, colaboram exclusivamente para o semanário humorístico «SEMPRE FIXE».



HOJE

no «WONDER-BAR» e no
«RESTAURANTE»

«A NOITE DE SÃO JOÃO»

CRAVOS E MANJERICOS

exibição do «RANCHO FOLCLORICO DO CARTAXO»

PENULTIMA APRESENTAÇÃO da grande vedeta da canção francesa

«JULIETTE GRECO»

No «SALA RESTAURANTE»—Festa dedicada aos excursionistas ingleses do paquete «ORCADES»

PREÇOS — No «WONDER-BAR» — Consumo mínimo, 60\$00

No «RESTAURANTE» — Entrada, 20\$00 (Para adultos)

4.ª SEMANA TRIUNFAL!

PRODUÇÕES ANIBAL CONTREIRAS ORGULHA-SE DE APRESENTAR A SUMP-TUOSA REALIZAÇÃO, EM CINEFOTOCOLOR, DE LADISLAU VADJA
EM CALOROSA CONSAGRAÇÃO DO PUBLICO

DONA FRANCISQUITA

A FAMOSA ZARZUELA DO MAESTRO VIVES, ANIMADA NUM ALARDE DE RIQUEZA, SUPERIOR DESEMPENHO DE EMA PENNELA, MIRTHA LEGRAND E ARMANDO CALVO

UMA MARAVILHA DE EXCEPCIONAL CATEGORIA, PELO ENCANTO DA MUSICA, PICARDIA DO ENREDO, DESLUMBRANTE ENCENAÇÃO E BELEZA DAS SUAS CANÇÕES E BAILADOS

UM EXITO DE TEATRO QUE DEU A VOLTA AO MUNDO EM APO-TEOSE E QUE CONTINUA A ENTUSIASMAR LISBOA INTEIRA!

PODE UM HOMEM RESISTIR ÀS ARTIMANHAS E PODER DE SEDUÇÃO DE UM DEMÓNIO DE SAÍAS QUE SE FAZ PASSAR POR INGENUA, A FIM DE O «CAÇAR» PARA SEU MARIDO?

HOJE EM «SOIRÉE» ODEON e PALÁCIO

às 21.30, no
(PARA MAIORES 13 ANOS)

122-124—Tel. 79-332; Alvalade—Avenida da Igreja, 18-B—Sítio de Alvalade—Tel. 77170; Miranda—Campo Pequeno, 36-B-C—Tel. 70776; Belmar—Avenida de Roma, 53—Tel. 76314; Imperial—Avenida de Guerra Junqueiro, 30-B—Tel. 76860; Cruz Nunes—Praça do Duque de Saldanha, 14—Tel. 41845; S. Sebastião (De)—Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-3—Tel. 48642; Jaime José da Costa—Rua do Conde de Redondo, 68-72—Tel. 53432; Ascenso—Rua 19—Bairro da Encarnação—Tel. 399216; Marvila (De)—Rua Direita de Marvila, 25—Tel. 39612; Banha—Estrada de Chelas, 173-175 Tel. 39683; Martins, Lda—Rua de Fernão de Magalhães, 33—Tel. 849448; Zilex—Rua de S. Tomé, 54-56—Tel. 22835; Morão—Largo da Graça, 63—Tel. 848700; Nova Luz—Rua A, 4 Avenida de D. Afonso III, 28-A—Tel. 843439; Simões—Rua do Padre Sena Freitas, 10-A—Tel. 842518; Candido Monteiro—Avenida do Almirante Reis, 121-B—Tel. 45751; Colonial—Caminho do Forno do Tijolo, 40—Tel. 841122; Intendente (Do)—Largo do Intendente, 50—Tel. 47838; Central de Campolide—Rua do General Taborda, 17—Tel. 40304; Almeida—Rua de Silva Carvalho, 136—Tel. 63726; Lobel—Rua de Infantaria 16, 98-B—Tel. 63807; Paivas & Parente—Rua de Santo António, 4 Estrela, 96-98—Tel. 65196; Castro, Suc.—Rua de S. Bento, 199-A—Tel. 60513; Bom Sucesso—Rua de Bartolomeu Dias, 63—Tel. 38754; J. A. Silva—Rua dos Quartéis 25-27—Tel. 37777; Lisbonense—Rua do 1.º de Maio, 10—Tel. 37020; Fontoura de Carvalho—Rua de Santos-o-Velho, 12—Tel. 62075; Neves, Suc.—Rua da Bela Vista, 4 Lapa, 35—Tel. 61251; Central—Rua de S. Paulo, 108—Tel. 20389; Macedo—Rua do Loreto, 71—Tel. 23631; Estácio—Praça de D. Pedro IV, 60-63—Tel. 27067.

BOLSA DE LISBOA

VALORES | Efectuado Compra/Venda

Fundos do Estado			
Consolid. 2 3/4 T. 10...	8105	8105	81055
Consolid. 3% T. 10...	8875	88655	88755
Consolid. 3 1/2 T. 10...	1.0045	1.0035	1.0055
Centenários 4% 1940...	—	2.2405	2.2425
Obg. Tes. 2 1/2% 1942	—	—	9985
Obg. Tes. 2 1/2% 1943	—	—	9965
Obg. Tes. 2 1/2% 1944	—	—	9965
Externo 1.ª série ...	1.3455	1.3405	1.3505
Externo 1.ª série car...	—	1.3405	1.3505
Externo 2.ª série ...	—	1.3655	—
Externo 2.ª série car...	—	1.3655	—
Externo 3.ª série ...	—	—	—
Externo 3.ª série car...	1.4655	1.4635	—
Caut. 3.ª série s/juro...	1785	—	—

Obrigações

Aguas de Lisboa 5%...	5125	5105	5155
Norte de Portugal 5%	—	1085	—
Gás e Electricid. 3 3/4%	—	—	9755
Gás e Electricid. 4%	—	1.0055	—
Gás e Electricid. 4 1/2%	1.0155	1.0145	1.0175
Gás e Electricid. 5%	1.0315	1.0305	1.0335
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—
U. E. P. 4 % 1945	9755	9655	985
U. E. P. 4 % 1948	—	9655	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	1015	1055
U. E. P. 5 % 1951	—	1055	—
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—

Ações

SEGUROS			
Fidelidade ...	—	—	—
Mundial ...	7405	7385	—
Nacional ...	—	2.6005	—
Sagres ...	—	—	—
Tagus ...	—	—	—

BANCOS

Alentejo ...	—	3905	3985
Angola ...	5875	5865	5895
Espírito Santo ...	6.0005	—	—
Lisboa & Açores ...	2.3505	2.3305	2.3705
Portugal ...	—	2.0005	—
Ultramarino ...	5555	5555	5605

C.ª DIVERSAS

Aguas Lisboa 1934	—	—	2165
Aguas Lisboa 1936	—	—	2155
Cimentos Tejo ...	—	4105	—
Cimentos Leiria ...	—	4655	4755
Crédito Predial ...	4156	4155	4157
Elect. das Beiras ...	1.4805	1.4755	1.4845
Gás e Electricidade ...	20855	2085	20855
H. Alto Alentejo ...	14455	14455	1455
H. E. Cávado ...	—	—	1.3805
H. E. Zézere ...	1.2755	1.2755	1.2805
Industrial Aliança ...	—	—	—
Portugal e Colónias ...	4475	4465	—
Nac. de Electricidade ...	1.2605	1.2555	1.2605
Nac. Navegação ...	1.3095	1.3085	1.3105
Col. Navegação ...	—	6305	6355
Port. de Pesca ...	1.2005	1.1955	1.2055
Port. Tabacos ...	4515	4515	4535
Iabacos de Portugal ...	5945	5925	5955
União Elect. Port ...	2455	2455	2465

C.ª ULTRAMARINAS

Ag. Casseque ...	1.7705	1.7655	1.7755
Ag. das Neves ...	—	1.5605	1.6505
Agricultura Colonial ...	1.6105	1.6105	1.6805
Açúcar de Angola ...	—	3.1505	3.1805
Boror ...	—	6605	7005
Cabinda ...	—	3505	—
Col. do Buzi ...	3485	3475	3495
Ilha do Príncipe ...	2.4505	2.4005	2.4905
Moçambique ...	17555	1755	17555
Zambézia ...	1635	1635	16255

J. BURNAY, LDA. Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 — TELEF. 21273

PELA SUA HISTÓRIA DRAMÁTICA!
PELA CATEGORIA DOS INTERPRETES!
PELA SUA SUPERIOR REALIZAÇÃO!
PELA FORÇA DA SUA HUMANIDADE!

O CINEMA PRODUZIU UMA OBRA EMPOLGANTE
GRAÇAS AO MESTRE EUROPEU JEAN RENOIR

ESTA TERRA É MINHA



COM ESTE ELENCO DE GRANDES NOMES

CHARLES LAUGHTON—MAUREEN O'HARA—GEORGE SANDERS—WALTER SLEZACK—KENT SMITH—UNA O'CONNOR

UM FILME EXCEPCIONAL COMO SÓ SE FAZ DE 10 EM 10 ANOS

UM EXCLUSIVO DE ÉPOCA

Amanhã no

POLITEAMA

(PARA ADULTOS)

JULIETTE GRECO

Grande Prémio do Disco 1952
actuando no CASINO do ESTORIL

Ouçá os seus êxitos em
Discos "PHILIPS"

CUSTODIO CARDOSO PEREIRA & C.^a
RUA DO CARMO, 11 (Secção de Discos)

Teatro MONUMENTAL

A's 21,45 a grandiosa peça de Casona,
trad. de F. Saraiva de Macedo

**É proibido suicidar-se
na primavera**

Um grande elenco artístico
(Para adultos)

Teatro AVENIDA

A's 21,45, a famosa peça de Benedetti

Cinco minutos antes...

com Alma Flora e José Gamboa
à frente de um grandioso elenco
(Para adultos)

Cinema

A «Aldeia da Roupa Branca» e «Saltambancos», dois grandes filmes portugueses, hoje, no Coliseu. Amanhã, novo programa

Que ninguém falte hoje ao Coliseu para ver um sensacional programa duplo de cinema com os grandes filmes portugueses «Aldeia da Roupa Branca», com Beatriz Costa, e «Saltambancos», um drama intenso e cheio de humanidade. Amanhã, «Maria Papoila» e «Um Homem do Ribatejo».

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

Hoje, às 21 e 45 o original em 3 actos, de Fernando Santos, Almeida Amaral e Leitão de Barros

PRÉMIO NOBEL

com Amélia Rey Colaço, Raul de Carvalho, Erico Braga e o grande conjunto do D. Maria II
(Maiores de 13 anos)

Sabe escrever à máquina!!!

Então, concorra, também, ao
«GRANDE FESTIVAL DAS DACTILÓGRAFAS»
pois, sem qualquer despesa para si ficará habilitada a valiosíssimos prémios.



NA NOITE DE 1 DE JULHO
Os dois colossos mais disputados
por todas as empresas de Espanha e
grandes triunfadores da actual temporada:

CESAR GIRÓN

CHICUELO II

COM TOIROS DE JOÃO
DA ASSUNÇÃO COIMBRA!

!!!VAYA POR UN CARTEL!!!

VESPERA DE S. JOÃO
NO
RESTAURANTE TIPICO
DE

Márcia Condessa

Praça da Alegria, 38

Fados - Balões - Manjeri-
cos - Cravos - Alcachofras

com a grande atriz

Maria Amélia

e a grande fadista

Fernanda Baptista

Cartas dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE: «BARREIRAS VENCIDAS» IMPÉRIO

TIVOLI

Telefone 50595
As 3 e 6.15 da tarde
(a preços red.)
e 9.30 da noite

Edward G. Robinson e Susan Hayward no estranho filme

Sangue do meu sangue

(Para adultos)

SÃO JORGE

15,15 - 18,15
21,30
Últimas exhibições de
BEIJA-ME, CATARINA
com Kathryn Grayson, Ann Miller
e Howard Keel
(Maiores de 13 anos)

IMPERIO

Tels.: Plateia 55134
Balcões 55135
(Maiores de 13 anos)

As 21,30, estreia do grande filme
Barreiras vencidas

com John Wayne, Donna Reed e Charles Coburn

ODEON

15,30-18,15
21,30
Telef. 24283
PALACIO
As 21,30
Telef. 47163

4.ª semana da sensacional
maravilha do cinema
espanhol

Dona Francisquita
A famosa zarzuela de Vives,
com Ema Penella
e Armando Calva
(Maiores 13 anos)

MONUMENTAL

TEL. 55131
(13 anos)

Em «écran» panorámico
A's 21,30 h.
Grande êxito do movimentado filme policial
AS PISTAS CHEGAM A BERLIM
Gordon Howard e Irina Garden em duas inesquecíveis interpretações

AVILA LADE

TEL. 73865
(13 anos)

As 15,30 e 21,30
O grandioso
filme de gargalhada
Os heróis do medo
com os cómicos
Jerry e Lewis

TERRASSE O MALABARISTA
Liberdade Perigosa
(Para adultos)
Tel. 20917
As 21,15

EDEN

Telef. 20768
(Para 18 anos)

15,30 - 18,30 e 21,30
James Mason
e Joan Bennett em
MOMENTO DE PERDIÇÃO
Uma mulher tenta salvar a filha duma tremenda acusação

POLITEAMA

TEL. 2630

HOJE, EM DESPEDIDA
O CAVALheiro DA RAINHA
(13 anos)

Amanhã, às 21,30 — Estreia
Esta terra é minha
(Maiores de 18 anos)

CONDES

Telef. 22523
As 15,15 - 18,15
e 21,30
(Para 13 anos)

O emocionante filme
italiano
O filho de Lagardère
com Rossano Brazzi
e Simone Renant

CAPITOLIO

TEL. 27489

As 21,30
O extraordinário filme de
audácia, emoção e aventura
O FIO DA MEADA
com JOHN WAYNE
(13 anos)

TERRAÇO

A's 21,30
O drama de capa e espada
MARGARIDA DE CORTONA
com Maria Bragança
e TRES HISTÓRIAS PROIBIDAS
(18 anos)

Pavilhão Português

Parque Mayer
Preços populares
Para maiores de 18 anos

Cinema ao ar livre
As 21,30
TITANIC
com Clifton Webb
ESCANDALOS NA RIVIERA
(col.) c/ Danny Kaye
Para maiores de 18 anos

LIZ

TEL. 48560
As 21,15

A BELA E O RENEGADO TERESA
(Para adultos)

CASINO ESTORIL

As 21,15

O príncipe corsário
com John Derek
(Para adultos)

As pretensões de Nehru sobre Goa

(Continuação da 1.ª página)

está praticando uma política de imperialismo e colonialismo, mas vai acusando os que se lhe opõem de estarem precisamente atacados por esse mal. «Numa parte se põe o ramo, na outra se vende o vinho» — usa dizer-se na sabrosa linguagem popular.

É claro que até ao extremo limite das suas forças, se tanto fosse necessário — o que Deus afaste de nós —, o Exército português haveria de saber lutar e não se mostrar indigno daqueles nossos antepassados, cujo sangue empapou o solo indiano e foi a tinta com que se escreveram páginas imorredouras da história universal. Mas, numa prova de força desta natureza, acabaríamos fatalmente por ser vencidos, depois de maior ou menor dispêndio de coragem física e moral.

Impõe-se-nos, por conseguinte, o dever de evitar com dignidade que as coisas cheguem a esse ponto. Para tanto, quais serão as armas de que dispomos? Importa examinar o problema com cautela objectividade.

É evidente de per si que os factores espirituais são os únicos que possam compensar a nossa inferioridade material e, porventura, dissipar as nuvens negras e presagas, que ensombram o horizonte da vida portuguesa neste pleito movido contra um país pequeno por um país desmedido em extensão geográfica e acumulações populacionais. É bem provável

2 — A carência de vibratibilidade dos nossos protestos contra Nehru

Antes de mais nada, é indispensável que os Portugueses se mostrem unânimes no desejo veemente de impedirem por todas as formas qualquer amputação da herança territorial legada pelos seus maiores e exteriorizem estes seus sentimentos com vigor e espontaneidade.

Chegou a hora de se confessar com nobreza e sem farsismos que não existe entre nós unidade nacional, nem sequer entendida, a maneira dos democratas, como aceitação pela generalidade dos portugueses de um plano de vida em comum, o que é compatível com divergências no tocante às soluções políticas, sociais e económicas dos problemas nacionais. Os condutores do Regimen vigente em Portugal conceberam, porém, um ideal utópico, muito mais ambicioso que o dos democratas. Ideal que já algures crises de unanimismo e consiste em obter a adesão em massa de todos os Portugueses ao corpo de doutrinas por esses dirigentes arquitetado, sem quaisquer desvios para, não se incorrer na acusação de heterodoxia e não se ser relegado para o índice dos excomungados, com todas as consequências pejorativas advenientes desta circunstância na ordem material. Esse unanimismo inexistente vem sendo proclamado como um imperativo categórico da Situação, como um «diktato».

Para nós, democratas, uma tão absurda coacção teve ao menos o mérito de depurar as nossas fileiras, por isso que delas desertaram, para irem instalar-se nos arraisais do Regimen, todos os oportunistas, todos os seres de convicções tibias, todos quantos não compreendiam que a manutenção da verticalidade da espinha dorsal é um atributo da espécie humana e que, só quando os seus componentes conseguiram atingir esse apuro físico, deixaram de ser animais de engorda e vista baixa e se tornaram verdadeiramente reis da Criação. Com estas adesões interessadas alargou-se — é certo — o âmbito do Regimen, mas introduziu-se dentro dele, como consequência, o fermento da corrupção ideológica.

Assim, pois, nem a Situação conseguiu atingir o seu ambicioso objectivo do unanimismo nacional, nem sequer deixou perdurar o ideal mais modesto dos democratas: o da unidade nacional, como eles a compreendem. De facto, nos tempos que correm, o Estado português não tem estruturação dentro da qual todos os sintomas de vontade e desenvolvamos utilmente a nossa actividade. O lema do Regimen consiste no sacrifício da personalidade humana em benefício da entidade colectiva; que é o Estado, como se este não fora uma criação de seres racionais com a mira de se tornar mais fácil de atingir o ideal supremo da felicidade individual. Deus promete às criaturas de boa vontade o Céu na vida extraterrena. Não constitui violação dos seus mandamentos a pretensão de que haja nesta vida, uma pequena amostra da beatitude eterna.

Por isso que reivindica os direitos naturais dos homens, um sector avultado dos portugueses mantém-se irredutível com a Situação e não reconhece nenhuma espécie de parentesco entre o seu ideal político-social e o dos suportes do Existente. Reconhece, contudo, — repito — que existe uma aspiração comum a todos os Portugueses, quer sejam partidários do Regimen, quer sejam seus adversários: a de se manter a integridade do território nacional. Neste ponto, sim, existe unanimismo e, portanto, é possível e desejável que um entendimento geral dos Portugueses permita aos governantes, sejam eles quais forem, surgir perante Nehru e o Mundo inteiro como transmissores de um imperativo nacional, do qual só andam aqui arredados uns tantos fanáticos, que a si próprios verbalmente se degradam à categoria de «sem-pátria», sem que eu esteja seguro de que, na iminência de uma catástrofe nacional, o instinto racial os não obrigaria a renegar a sua qualidade de renegados.

Sendo assim, como é que a Nação portuguesa se não tem erigido em massa, de Norte a Sul, de Leste a Oeste, para protestar com a veemência das grandes convicções contra uma tentativa de espoliação, que nada justifica e

que certas pessoas desdenham da eficácia daqueles factores, quando se põham a meditar nas tropelias e lesões do Direito a que, de há tempos para cá, a Força desmandada se abalança neste Mundo que, tendo destruído o seu antigo equilíbrio instável, está empregando esforços, em regra mal sucedidos, para architectar e implantar nas sociedades humanas nova forma de equilíbrio. Enganam-se, porém, os materialistas e os cépticos. No meio das gritantes injustiças da vida contemporânea como que se presente o borbulhar de aspirações morais justicialistas, que cedo ou tarde acabarão por se concentrar em reservatórios ou transformar-se em correntes caudalosas e por aplicar a sua energia potencial ou cinética na gestação de um mundo novo e melhor.

Sendo assim, se soubermos pôr em evidência as razões de ordem moral e intelectual, que no conflito entre a Índia e Portugal militam a favor do ultimo e se, por outro lado actuarmos inteligentemente e a nossa diplomacia manejar hábilmente esses argumentos e esses actos em conjugação com as vantagens decorrentes da nossa posição geográfica e do seu valor em função dos princípios dominantes da Estratégia das Nações Unidas, sou em crer que Nehru há-de acabar por ter sérias hesitações quanto à conveniência de se empenhar por aí além na senda dos atropelos e violências contra os magros territórios da Índia portuguesa.

representa uma ingratidão histórica para com o povo, que, na consabida frase clássica, «deu ao Mundo novos mundos»? Porque é que os aplausos à defesa dos nossos direitos históricos e das nossas razões pelo chefe do Governo têm assumido o aspecto de uma osquestração disciplinada, em cujos acordos se não sente autenticamente o vibrar emocionado da alma nacional?

A resposta a estas interrogações todos a sabemos, embora finjamos ignorá-la. Importa, por isso, que alguém tenha a coragem moral de a arrancar aos escaninhos das consciências individuais e de a pôr em evidência com objectividade, com serenidade e com clareza.

O actual Regimen submeteu a apertada tutela a mentalidade nacional e relegou os Portugueses inconformistas à condição de minoridade, com proibição de exporem sem ambages o seu pensamento e de conformarem a sua actividade de acordo com as suas ideias. No tocante aos seus partidários, convictos ou interessados, exige-lhes que, em harmonia com os canones do situacionismo, se comportem como tropas em parada ou em marcha e se ponham em posição de sentido ou ergam pernas e braços ou façam vibrar as cordas vocais à ordem de quem manda, quando por quem de direito sejam convocados para se manifestarem.

Nestas condições, os adversários do Regimen, caindo sob a acção do medo em estado latente de hibernação, têm entorpecidos os membros e enrouquecidas as gargantas. São quais Lázarus, estendidos em frios sepulchros de pedra, mas sem terem a boa sorte de que Cristo, misericordioso, os mande levantar e caminhar. Quando sobrevém um acontecimento, como a agressão potencial de Nehru, afligem-se intimamente, mas reconhecem a anquilose do seu corpo e da sua alma.

A seu turno, os situacionistas, incapazes de entusiasmos espontâneos, conservam-se de orlas fitas e de olhos escancarados à espreita de ordens e, quando as cumprem, fazem-no com ar de sonâmbulos desinteressados, a fingir de partidários convictos. De facto, nas manifestações protocolares, que por sistema de conta-gotas têm vindo a produzir-se, o que parece interessar os protestatários é menos o perigo de amputações territoriais, que impende sobre a colectividade, do que a exaltação da superioridade do Chefe, que Deus lhes proporcionou. Pode perder-se a Índia Portuguesa, mas o que não deve perder-se é a oportunidade de turiferar «a maravilha fatal da nossa Idade».

Não vá alguém supor-me dotado de tal cegueira anti-situacionista que não seja capaz de reconhecer a inteligência e o desejo de bem servir que presidiu à palavra de ordem, que desencadeou as manifestações em curso. Há nas afirmações do Chefe muito de apuro e acerto, embora certos dos seus argumentos se me afigurem falaciosos ou evadidos de habilidade incompatível com a nobreza da Causa que defende e que só com a verdade, sem subterfúgios, merece ser sustentada, não carecendo de adjutórios ou rabulices para tal efeito.

No decorrer desta minha exposição, porei em relevo as minhas concordâncias e discordâncias a tal respeito. Por ora limitar-me-ei a asseverar que Deus foi misericordioso com os

democratas, quando os arredou do Poder muito antes de se ter gerado para a grei portuguesa um tal estado de alarme e insegurança. E' que nós somos dotados da compreensão e generosidade suficientes para que nos não ponhamos a acusar os actuais governantes de culpados desta situação catastrófica, ainda quando

3 — A causa profunda da indignação portuguesa contra esta tentativa de esbulho

A opinião publica internacional não está suficientemente elucidada sobre as características especiais da nossa repulsa pelas pretensões de Nehru e, por não a compreender, pode quiçá encará-la como despropositada. E' que, para os cidadãos dos países civilizados, é hoje fenómeno corrente a verificação de abdições territoriais, mais ou menos voluntárias, por parte de pequenas e grandes potências mundiais, sendo de citar, entretanto, o exemplo ofuscante da Inglaterra.

De facto, no decurso desta primeira metade do século XX, o desmedido império vitoriano foi mudando de pele, como as cobras, e acabou por assumir o aspecto de uma Comunidade de nações soberanas, com tão ténues laços de ligação entre si que cada uma delas se reserva em política internacional uma liberdade de acção de que a Índia tem usado e abusado de forma preocupante. Os Estados Unidos da América do Norte desprenderam-se da sua acção de comando em Cuba e nas Filipinas e outorgaram-lhes a independência, sem restrições. A Holanda, embora com funda mágoa, teve de abandonar o seu domínio político sobre a riquíssima zona da Indonésia, com grave dano para os interesses económicos metropolitanos. A própria França está tentando dar novo arranjo ao seu Império, com transformação do sistema de dependência numa organica de interdependência, e não se sente diminuída e vexada pelo facto de se mostrar mais maleável do que nós perante as injunções comina-tórias de Nehru no tocante às feitorias indofrancesas: enveredando pela via conciliatória das negociações, propõe a fórmula dos plebiscitos para se desdortinar no meio deste embroglio qual seja a autêntica vontade das populações locais quanto ao seu destino no futuro próximo.

Só nós repudiamos toda a possibilidade de negociações sobre as reivindicações de Nehru a respeito dos territórios de Goa, Damão e Diu e, quando sobre eles se adensa a sombra do colosso indiano, não damos mostras de nos sentir abalados nos nossos propósitos de intransigência. Porquê?

Invoca o Chefe do nosso Governo, como argumento terminante e irresponsável, o facto de a Constituição vigente consignar que o conteúdo geográfico do nosso Estado abrange Metrópole e territórios do Ultramar, colocando a todos em pé de igualdade jurídica e considerando-os como províncias portuguesas, insusceptíveis de cedência graciosa ou onerosa, de troca ou regateio. A esta organica territorial corresponde na ordem humana uma concepção de igualdade racial, não sendo a cor ou a origem dos habitantes do nosso Império motivo de diferenciações quanto ao complexo dos direitos da sua personalidade jurídica. Apenas no transitório Instituto do Indigenato se acha implícita uma «capitis deminutio», exigida pelo baixo nível de civilização e apego aos usos e costumes próprios de certos grupos autóctones do nosso Império, sendo propósito dos nossos Poderes Públicos civilizar-los e assimilá-los com ritmo cada vez mais apressado.

Assim, pois, o Condutor do Estado português invoca uma proibição constitucional como razão suprema para se eximir a negociações visando amputações do nosso todo geográfico.

A isso poderia Nehru objectar que não há Constituições intangíveis e que todas elas contêm no seu texto disposições atinentes a permitir alterações, fenómeno que, no caso português, é de periodicidade decenal, com possibilidade de antecipações quinquenais. Encontrar-se-ia neste preceito revisionista ampla margem para negociações. Se os partidários e os adversários do Situacionismo, unânimes sequer ao menos neste ponto — repito —, se obstinam em não encarar, em quaisquer condições, a hipótese de uma cedência dos fragmentos indianos do território nacional, é por motivos bem mais nobres do que este simples tabu constitucional. Ponhamos, pois, de parte frágeis habilidades e vamos direitos ao amago do problema sem hesitações e sem receios.

O Portugal do alvor do século XV era um país agrícola, que a hostilidade e a pressão dum vizinho cobicioso teve o condão de projectar sobre o dorso do Oceano Atlântico e daí se transferiu para o Oceano Indico para a realização de uma das mais altas tarefas da civilização ocidental. A epopeia das Descobertas

reconhecemos, sem sombra de facciosismo, que as suas actuações podem ter agravado sob certos aspectos a sua periculosidade. Mas, se o País ainda fosse dirigido por nós, então estou certo de que os nossos adversários nos lançariam às feras como exclusivos culpados desta perigosa evolução dos problemas asiáticos.

As não é apenas glorificada pelo enfatuamento de um povo, que, sendo pequeno, resolvesse pôr-se nos bicos dos pés para parecer grande. O consenso unânime das nações exalta-a com sobrada razão e dela faz proceder o início do ciclo mais fecundo da história universal.

Duas ordens de razões impeliem para a frente incansavelmente os argonautas portugueses: o desejo altruista de propagar a fé cristã e a cobiça de bens materiais. Estes incentivos constituem o verso e o reverso da medalha das nossas Descobertas e Conquistas — empreendimento colossal que acabou por esgotar as energias de parques dois milhões de criaturas, acantonadas neste estreito rincão da Europa, onde «a terra acaba e o mar começa». Santos, heróis, mercadejantes e piratas de tudo há um pouco ou um muito nesta gesta nacional. Na ordem material inspira-nos a tese cartaginesa de monopolizar o comércio mundial com o estabelecimento de feitorias ao longo do contorno da África e da Ásia para drenagem da produção do «hinterland» e apoio da nossa frota mercantil. Vencemos a concorrência de italianos e turcos e expulsamos do Índico as suas naus. Da Índia deslocámo-nos até à Malásia e à China e tocámos no Japão. Os Santos vão avançando para «distribuírem ao gentio o pão do espírito, os chatins vão-lhe no encalço e os heróis instalam seus ninhos de água um pouco por toda a parte, derramam o seu sangue generosamente e tantas vezes acabam por ficar de «mal com os homens por amor de El-Rei, de mal com El-Rei por amor dos homens».

Dura bastas décadas este frenesi de apostofado e de mercantilismo. Pouco a pouco, os outros povos deslocam-se na nossa peugada e acabam por nos relegar para plano secundário. De toda esta nossa movimentação histórica qualquer coisa fica na nossa posse: algumas ilhas do Atlântico, umas tantas feitorias ao longo das costas terrestres por nós reveladas ao mundo de antanho. E então pouco a pouco a concepção imperial romana vai-se sobrepondo à concepção mercantil púnica: no Brasil, em Angola e em Moçambique vamos irradiando para o interior a partir de bases estabelecidas em trechos dilatados das margens dos dois Continentes. Agora é sobretudo o Brasil que monopoliza as nossas atenções e põe à prova a nossa capacidade organica de colonização. Mais uma vez a cruz e a espada, os apóstolos e os capitães-mores conjugam a sua acção para improvisarem uma das mais fulgurantes criações da civilização europeia, assentando no aproveitamento do fundo étnico local e na mesclagem de colonizadores com colonizados, para nesse imenso cadinho racial se realizar uma obra imorredoura de fusão e assimilação.

O fenómeno brasileiro acabou por desembocar na consagração ulterior da independência de uma nova Pátria. O grito do Ipiranga, que na nossa época o Presidente da Republica Portuguesa, António José de Almeida, em visita oficial ao Brasil, houve por bem exaltar sem o mais leve ressaibo de azedume histórico, marcou o fim daquela nossa tarefa colonial.

Seria de perguntar se outra orientação dos dirigentes da nação portuguesa não poderia ter feito transitar o regimen de dependência do Brasil em relação à Metrópole para um sistema de associação de duas pátrias, ambas soberanas. Essa interrogação, quanto ao Brasil, tem interesse meramente especulativo e sentimental: não há modo, nem maneira de refazer a história. Mas, como em Angola e Moçambique estamos tentando a reedição de idêntica experiência, que terá as mesmas consequências que no Brasil, se não for convenientemente orientada, já a análise desse problema perde o seu carácter de jogo de espírito para ganhar indiscutível actualidade.

Foi por certo com o intuito de orientar convenientemente a evolução do todo nacional que os autores da Constituição Portuguesa de 1933 curaram de não estabelecer distinções jurídicas entre os vários componentes desse todo, seja qual for a área da sua superfície, seja qual for a sua localização geográfica, seja qual for o grau de assimilação das suas populações indígenas. Quis-se assim marcar uma directriz e uma finalidade à nossa politica imperial, a saber: partir da heterogeneidade para atingir a homogeneidade e dar como obtido por antecipação este resultado final, o que implica o estabelecimento de imediata igualdade entre todas as partes do território nacional. Ao mesmo tempo pensou-se em não sacrificar ao desenvolvimento industrial da Metrópole a evolução económica das Províncias de Além-mar: é uma politica de bom senso, que começa a assumir foros de realismo com o delineamento e a execução do actual Plano de Fomento. Tentase de modo prevenir futuros choques entre as várias regiões do nosso Império, e, portanto, não excitar desejos locais de autonomização. O defeito deste arranjo estatal reside essencialmente na sua conformação, centralizadora, à maneira espanhola dos Filipes, e no facto de não atender às diferenciações no estado de civilização das parcelas do território nacional e à diversidade das suas características basilares.

(Continua na página seguinte)

HOJE — VÉSPERA DE S. JOÃO — HOJE
A FEIRA POPULAR DE LISBOA
É O MAIOR ARRAIAL DA CIDADE
ILUMINAÇÕES, MÚSICA, BAILARICOS, FOGUEIRAS,
MANJERICOS, CRAVOS E ALCACHOFRAS
Palhava em Festa
NOITE DE FOLIA III NOITE DE ANIMAÇÃO
ENTRADA UM ESCUDO

As pretensões de Nehru sobre Goa

(Continuação da página anterior)

res. Aspira-se a um impossível: a manutenção perpétua da nossa homogeneidade legal e a subordinação imutável à cabeça do nosso Império dos seus fragmentos dispersos, localizados a esmo nas Sete Partidas do Mundo. A's vezes o Ideal vê-se forçado a ceder perante as imperativas exigências do Real: assim se explica a manutenção do Instituto do Indigenato, que é uma nota discordante, mas imprescindível, na nossa orquestração imperial igualitária.

No íntimo todos sabemos que, quando Angola e Moçambique atingirem certa posição no seu progresso económico e social e no empolamento da sua população civilizada, terão interesses particularistas, que não poderão deixar de requerer larga autonomia e, direi mesmo, independência. Se ela lhes vier a ser negada sob a invocação de conceitos constitucionais centralistas, verificar-se-á precisamente o facto doloroso, que se pretende evitar: a proclamação da independência absoluta, com ruptura de todos os laços políticos com a Metrópole, a laia do Brasil.

Qual deusa, pois, ser o pensamento orientador da nossa política imperial? Se o meu espírito, ansioso por bem servir o interesse colectivo, vê claro e me não ilude, deveremos ir encaminhando as coisas no sentido de, em prazo mais ou menos distante, se imprimir à Comunidade Portuguesa a forma dumha Confederação, composta de Estados independentes, com Poderes Públicos Centrais—um Chefe do Império, um Governo e um Parlamento—encarregados de dirigir a política internacional e estratégica do agregado e de compatibilizar e entrelaçar os seus sistemas económicos. A sede desta Organização Central seria ora a capital da Metrópole, ora a de Angola, ora a de Moçambique, estabelecendo-se esta transferência por um sistema automático de rotação plurianual.

Se não quisermos arredar-nos do realismo, há que admitir que não seja paralela a evolução destas parcelas imperiais, de modo que se estabeleçam entre elas diferenças e se permita a alguma ou algumas delas alcançar, antes das outras, o Estatuto de Independência. E assim arranjam sucessivos do nosso todo territorial iriam alterando a sua fisionomia até se atingir a fase final da Confederação. Qualquer política nacional diversa desta afigura-se-me susceptível de nos conduzir a um desastre irreversível.

Ora de todas as partes do nosso Império a Índia portuguesa se é das mais pequenas, é também aquela em que é maior o grau de assimilação dos aborígenes. Frisou o Chefe do Governo que os enclaves de Goa, Damão e Diu significam bem pouco para nós no aspecto económico; mas acarretam encargos no aspecto financeiro e nos representam muito sob o ponto de vista sentimental e moral. De facto, estamos ligados a essas terras exóticas por um mundo de recordações desvanecedoras e sagradas. Creio piamente que as almas dos santos e heróis, que as integraram nos conceitos da civilização ocidental, nos amaldiçoariam lá onde se encontrem, se as abandonássemos sem tenaz reacção pacífica ou guerreira, simplesmente porque ao Pandita Nehru teria apetecido arredondar o contorno da sua Índia, da qual aliás se destacou o Paquistão e na qual ainda se não quis integrar Ceilão.

4 - A Política aconselhável da Metrópole para com os enclaves indo-portugueses

Aplaudo, sem pensamentos reservados, a atitude do nosso Governo ao recusar-se a imitar os Franceses, quando, para moderarem a fúria anfitriã do Pandita Nehru, lhe propõem a realização de plebiscitos nas suas feitorias indianas, a fim de se averiguar se a maioria dos seus habitantes prefere a manutenção do actual estado de coisas ou a sua integração no colosso indiano. Muito menos perigosa do que para os Franceses seria para nós esta solução, visto que ninguém põe em dúvida qual seria no nosso caso o resultado de uma consulta popular. E, se Nehru não aceita, agora o alvitre francês, muito menos seria a sua acessibilidade para uma proposta similar portuguesa. Mas, se temos a certeza matemática de que este seria o resultado dum plebiscito desta natureza nos enclaves indo-portugueses e se, por outro lado, estamos igualmente seguros da repulsa de Nehru por esta solução do pleito em curso, porque é que então não pomos em evidência a má fé deste estadista, forçando-o a uma tal atitude negativa?

Invoca o Governo para isso o já aludido óbice de ordem constitucional. Já tive ensejo de explicar que se me afigura frágil o argumento. Com efeito, poderíamos prometer que na devida altura procederíamos a necessária reforma constitucional e que ulteriormente se realizaria a operação plebiscitária. Mercê da nossa fraqueza militar, mais difícil: se tornaria reeditar a altiva frase de Mussolini, se lhe dessemos o sentido bélico com que foi proferida: as fronteiras não se discutem, defendem-se.

Para mim, torna-se repugnante a sugestão de uma proposta de plebiscito, por isso que as pretensões absurdas e violadoras dos mais altos interesses nacionais—e nenhum é mais sagrado que a integridade territorial do País—não são passíveis de discussão, sem diminuição da personalidade de quem a admita. Transaccionar com Nehru nesta emergência seria o mesmo que entabular negociações com a Espanha, se ela se permitisse reclamar de nós a integração de Portugal dentro dela. Nem mais, nem menos. O caso francês é diverso, porque nem as populações das suas feitorias indianas foram assimiladas, como as da Índia Portu-

Por outro lado, os seiscentos e tal mil indo-portugueses, que vivem comprimidos nos escassos quatro mil quilómetros quadrados do seu território, igualmente maldiriam de nós, se deles nos desprendessemos desenfadadamente, depois de os termos afeiçoado a outros usos e costumes, a outro modo de conceber a vida e os seus problemas e até, quanto a muitos, a outra religião e ainda depois de lhes termos criado ensejos e possibilidades de afirmação da personalidade, que por força sofreriam grave diminuição, quando submergidos no pélagio insondável das multidões indianas.

Estas razões morais não podiam afligir os Ingleses, quando abandonaram ao seu destino a Índia, com grave dano imediato para ela, como não devem incomodar os Franceses quando são intimados a entregar numa salva de Prata as suas feitorias ao ambicioso Chefe do Governo Indiano. Nem uma nem outra daquelas duas Nações estão presas por laços históricos apertados a essa região asiática, nem tampouco levaram a peito infiltrar em grupos da população local profundos sentimentos ocidentais.

A Índia Portuguesa, essa, sim, é um marco miliário da Europa em paragens para cujo progresso concorreu. As tentativas de derribar esse marco, que funciona também como farol de luz irradiante, representam, além de tudo o mais, um gesto de gritante ingratidão histórica. Nós, os Portugueses, ainda quando a nossa atitude não deva ter num mundo desordenado e apocalítico a repercussão que seria de esperar, temos o dever histórico da conglamar a nossa repulsa pelas pretensões demagógicas de Nehru e de tentar fazer ecoar além fronteiras a nossa justa cólera.

E' de lamentar, contudo, o estado de confusão política existente entre nós em tal conjuntura internacional. Aludindo a este problema, profetizou em discurso de propaganda eleitoral, proferido na Covilhã e publicado na íntegra no «Diário de Lisboa» de 13 de Novembro de 1949, o seguinte:

«Uma Pátria em perigo deve encontrar irmãs-nadas as almas dos Portugueses. Mas esta irmãdade—nunca é demais d'zê-lo—não pode ser fictícia e sê-lo-ia se derivasse da submissão passiva de parte deles e não resultasse de transigências de uns e de outros».

O meu apelo não foi ouvido então pelos dirigentes da Situação e o mesmo insucesso se verificou, quando, quatro anos mais tarde, o reeditei ainda com maior veemência. O perigo tornou-se iminente e nós continuamos em estado de irreducibilidade! Que o Mundo, em todo o caso, se compenetre de que neste ponto da defesa da integridade do território nacional não há entre nós divisões. Cada um, nesta emergência histórica, saberá cumprir o seu dever até o fim. Mas, para que se tornem bem patentes estes sentimentos, importa que, ao menos momentaneamente, ao menos para esta finalidade especial, sejamos libertados das nossas algemas. Deixem-nos pôr de pé, deixem-nos sacudir os braços e agitar as pernas entorpecidas, deixem-nos desferir as cordas vocais enrouquecidas pela profligação absurda do pávido silêncio nacional. E, depois disso, o Mundo não se recusará a compreender-nos, por isso que a chama das nossas almas subirá bem mais alto do que o mais alto cogumelo da explosão da mais potente bomba de hidrogénio.

guesa, nem os seus direitos históricos são tão incontestáveis como os nossos.

E assim teremos de regressar ao sobredito conceito de Mussolini, mas entendendo a defesa das fronteiras não apenas no seu aspecto militar—entrados nesse caminho, a situação para nós, ainda que resultasse gloriosa, redundaria em catástrofe—, mas também e sobretudo no seu aspecto genérico de recurso a todos os meios sugeridos pela inteligência para garantia da imunidade do território nacional.

Já indicámos um dos meios: a manifestação clara, inconfundível, de que a Nação em peso protesta com violência contra a tentativa de esbulho de Nehru e saberá proceder na ordem internacional de acordo com esse sentimento. Poderíamos ainda apelar, como lembrou o Chefe do Governo, para as disposições da aliança anglo-lusa, que obrigam a Grã-Bretanha a defender contra agressões externas o nosso território metropolitano e colonial. Já é de carácter mais aleatório a obrigação quicá imposta pelo art.º 4.º do Tratado do Atlântico aos nossos parceiros para colaborarem nessa defesa.

Será, porém, de admitir que a Inglaterra e os Estados Unidos se deixassem arrastar para um conflito bélico com a Índia no caso de uma agressão «manu militari» desta contra Goa, Damão e Diu? A resposta tem de ser redondamente negativa. A Inglaterra desprende-se da imensidade geográfica da Península Indiana voluntariamente, ou pelo menos sem reacções, em nome das exigências anticolonialistas da época contemporânea. Os Estados Unidos, esses, então, têm horror quase místico pelo colonialismo, pelo que se têm transformado em fautores da desordem mundial pela protecção exagerada concedida às aspirações de independência de populações ainda sem maturidade para uma vida autónoma.

Tenho até minhas sérias dúvidas sobre se tanto uma como outra destas duas grandes potências ocidentais, que são as vedetas do anticolonialismo mundial, nos dariam qualquer espécie de auxílio indirecto—de intervenções já não armada, repito, nem sequer é bom falar—, desde que no caso da Índia Portuguesa se não torne luminosamente evidente que a nossa

acção não é a resultante da sobrevivência de um velho e arraigado espírito colonialista.

Ora a maneira mais retumbante de demonstrar a inanidade de tais juízos pejorativos consistiria em conceder à Índia Portuguesa o Estatuto de Independência, concertando previamente com o seu escol populacional a modalidade de associação a adoptar entre Portugal e o novo Estado. Seria o primeiro passo dado no sentido daquela Confederação, que, segundo os ditames da minha inteligência e do meu instinto, é o termo fatal da nossa evolução imperial, o regime que haverá de presidir às relações entre as várias parcelas do território nacional no decurso do século vindouro.

E então, sim, teríamos o direito de exigir de Britânicos e Norte-americanos compreensão para a nossa política e o seu insistente e persuasivo apoio diplomático para não ser perturbada esta evolução.

Com que argumentos poderia, na realidade, fundamentar o Pandita Nehru a sua oposição a um fenómeno político-social desta natureza, se a sua própria Pátria e o Paquistão, obtida a independência, se mantiveram adstritos à Comunidade Britânica, se os dirigentes do Império Indiano não têm tido meios de persuadir Ceilão a incorporar-se dentro dele e deixam esta Ilha autónomamente integrada da mesma colectividade a que a Índia se encontra associada? Acaso seria legítimo invocar a exiguidade territorial e populacional do novo Estado para contrariar o arranjo que preconizamos, quando o Luxemburgo guarda a sua independência, não obstante as suas reduzidas dimensões, e quando o poderoso Império alemão resultou da federação de Estados autónomos de todos os tamanhos, indo até ao ponto de se considerar como tais nada menos que três cidades costeiras? Poder-se-ia vetar a associação do novo Estado com a Mãe-Pátria? Não, porque os bons exemplos são sempre de seguir...

Uma tal oposição da parte de Nehru confiná-lo-ia no antipático papel não só de violentador da lógica e da livre vontade de um sector populacional asiático, mas também de aspirante a conquistador com a mesmíssima falta de escrúpulos de Hitler e de Mussolini. Os seus argumentos passariam a ter tanto valor como os do leão da fábula, ao apoderar-se sucessivamente das partes de uma presa. Ele arrastaria pelas ruas da amargura o seu prestígio de homem de bem. O recorrer ao emprego da força para fazer triunfar o seu despetito e a sua vontade equivaleria a renegar as escancaras o apostolado de Gandhi e a demonstrar que o exercício do Poder é capaz até de perverter consciências aparentemente exemplares.

Nestas condições, seria possível que a In-

5 - A comédia da libertação dos irmãos oprimidos do Pandita Nehru

Este processo de adaptação do nosso Império às realidades e contingências da hora que passa teria ainda secundariamente a virtude de estanciar outra fonte de especulações de Nehru em relação aos enclaves indo-portugueses. Já no meu aludido discurso de propaganda eleitoral de Novembro de 1949, tive a ensejo de abordar nos seguintes e precisos termos o problema com que vou encerrar o ciclo das minhas actuais considerações:

«Acontece, porém, que as nossas lutas políticas, o eclipse das nossas liberdades vêm sendo aproveitadas pelos propagandistas indios para darem à tentativa de absorção da Índia Portuguesa o aspecto de uma cruzada de libertação de irmãos de raça oprimidos. Eu sei que se trata de um pretexto, mas sei também que as nossas querelas intestinas, decorrentes precisamente do temoso conceito salazarista da existência colectiva, que dos indivíduos faz autómatos esmagados por um Estado multifórmico e onnipotente, servem às mil maravilhas os interesses da xenofobia indiana».

De facto, neste ponto, a Nehru seria lícito invocar os princípios da Carta do Atlântico, a que Portugal oficialmente aderiu ao entrar na N. A. T. O., para concluir que o desrespeito pelos direitos naturais do Homem coloca os Estados, em que tal se verifica, fora do grémio da Civilização Ocidental e quicá faculta a outros Estados o direito de intervir para salvação de minorias raciais, quando estas estejam sendo oprimidas e tenham manifesto parentesco com as populações dos Estados intervenientes.

Poderiam os dirigentes do nosso País limitar-se a recordar ao Pandita Nehru que, antes de mais nada, ele deva preocupar-se com a protecção das castas oprimidas da sua Pátria e encetar a sua cruzada salvadora pelos pobres Párias, pedindo ajuda externa, se, para tanto, lhe não chegar o fogo. Em vez disso, aqueles dirigentes, para inutilizarem o valor e alcance de pretextos intervencionistas de tal natureza, têm caprichado em conceder às nossas populações indianas um generoso tratamento de favor, que, aliás, de certo modo se torna extensivo, se bem que em menor escala, aos habitantes dos outros territórios ultramarinos do nosso Império. Os Gaitandós indianos são alvo de uma cortezia dissonante com a gravidade das suas faltas ou delitos.

Deste modo a opressão política do Regime circunscreve-se fundamentalmente ao âmbito do Portugal continental e das Ilhas adjacentes. Se alguém careceria de libertação, seriamos nós, os da banda de cá. Sucede, porém, que somos tão visceralmente portugueses que repeliáramos indignadamente quaisquer tentativas de Nehru ou outros estrangeiros para nos protegerem. A liberdade é um bem a que aspiramos sofregamente, mas que só queremos disfrutar, se formos nós a ter garras para a conquistar.

Tão vincado é este nosso portuguêsismo, que procede das mais íntimas células dos nossos organismos e do fundo das nossas almas, que sendo irreducíveis com o ideário político do Sitacionismo, tendo sido perseguidos e vexa-

glattera e os Estados Unidos da América do Norte não recorressem a todos os meios de persuasão e pressão diplomática para levarem a Índia a reconhecer os factos consumados e a praticar uma política de compreensão para com Portugal e o novo Estado indo-português? A não-adopção de tal atitude por parte das potências dominantes do Oceano Atlântico, nem sequer me passa pela cabeça, por isso que seria contrária aos seus próprios interesses.

Com efeito, tendo-se arvorado em campeões do Direito na Ordem internacional, não devem mostrar-se indiferentes às suas violações, quando despidas do mais leve resquício de justificação. Por outro lado, nós detemos posições no Continente europeu e em ilhas atlânticas, que são fundamentalmente importantes para a estratégia do Pentágono norte-americano. A sua política de Bases não pode despreocupar-se dos sentimentos das populações circundantes; e, ainda quando, por imperativos geográficos e ideológicos, os povos, em cujos territórios essas Bases estejam instaladas, não possam inverter as suas alianças e mudar assim de campo ou sequer refugiar-se no neutralismo, ninguém sabe a que extremos, na hipótese do desencadeamento de um conflito, o seu legítimo despetito possa conduzi-los.

Assim, pois, sou em crer que a política por mim preconizada em relação à Índia constitui uma plataforma para a solução do problema, que ora nos aflige. Note-se que entendo não dever entrar-se em negociações a tal respeito com o exigente e voraz Pandita Nehru. Há que pô-lo em face de novas realidades e deixar que se adapte a elas consoante entender. Quando muito, isso sim, ter-se-ia de sondar os governos britânico e norte-americano para averiguar da sua atitude futura em face do fenómeno em perspectiva.

Quanto ao modo de apressar a evolução do problema sem grave lesão dos preceitos constitucionais, reputo-o questão secundária. Estou habituado a que os cultores do Direito saibam dar aos textos legais tais maneios e tratos que até às vezes, mudando de cor, o preto se transforma em branco e vice-versa. Ora na Situação não há falta destes especialistas...

Eis, em resumo, os factores espirituais em que, em meu entender, importa apoiar-nos para equilibrar, se não superar, as deficiências da nossa armadura material de defesa. Não desdenhem das locuções da Razão, apelidando-as de fogos fátuos, Já o Evangelho de S. João nos assevera que «in principio erat Verbum et Verbum erat apud Deum». Que nos perdemos esta invocação os que têm em horror o latim.

dos por ele, lamentamos que Portugal ainda não tenha entrado no sinédrio das Nações Unidas. Desejamos ardentemente que, em qualquer organização internacional em que possam ser discutidos os interesses do País e que possa servir de escudo para a sua defesa, estejamos representados, embora por emissários de um Regime que detestamos.

Ora, em meu entender, o acesso à independência dos territórios indo-portugueses teria a virtude complementar de pôr termo a essa comédia da libertação dos pretensos irmãos oprimidos de Nehru, pois, ainda que associado à Mãe-Pátria, o novo Estado teria o direito de se estruturar e de orientar a sua política interna segundo o consenso dos seus habitantes. Todos teriam, por conseguinte, algo que ganhar e nada que perder com a solução defendida por mim.

Alí fica exposto, a título meramente individual, o meu modo de ver sobre o diferendo luso-indiano. Não me arrego o direito de representar para esse efeito o pensamento da oposição, visto que nem sou seu chefe, nem sequer ao menos um dos seus dirigentes. Por indole sou um franco-atirador, um ser enzimado, que a idade condenou a já não ter ambições. Adversário intransigente da política dominante, sou insusceptível de ser convertido e já nem sequer tento converter os meus adversários. Em questões respeitantes à independência e integridade do território nacional não conheço, contudo, outros inimigos que não sejam os que, as ataquem ou os portugueses que a si próprios se colocam fora do grémio nacional. Com todos os outros posso aliar-me com a finalidade exclusiva da defesa da Pátria, embora, fora desse campo, persista a nossa irreducibilidade.

Para que essa aliança episódica se torne viável, é condição necessária e suficiente—repeto—que me libertem das algemas que me oprimem. Velho, como sou, porventura serei já considerado como sem forças para defender a minha Pátria nos campos de batalha. Embora, se o meu concurso se tornasse necessário, não houvesse de recusá-lo, escondendo-me atrás da montanha dos meus anos. É certo, porém, que o melhor concurso, que sou susceptível de dar à Causa portuguesa, é o da minha pena e da minha voz, uma e outra servidas pela pouca ou muita inteligência, que Deus se tenha dignado proporcionar-me. Simplesmente, não saberei servir-me dela, se tiver sempre um Censor a ler por cima dos meus ombros o que escrevo ou a escutar com ouvidos inquisitoriais as minhas palavras, para me remeter ao silêncio, quando isso lhe aprouver.

Desejo ardentemente que os territórios indo-portugueses continuem associados à Mãe-Pátria. Pretendo ajudar os meus compatriotas a sacudir o seu torpor. Proponho-me fornecer aos governantes sugestões e ideias. Uma única condição—volto a dizê-lo—tenho que impor: a de que me deixem sentir um homem livre, ao menos enquanto durar esta batalha.

CUNHA LEAL

A nova Praça de Espanha

junto ao edifício da embaixada
na Estrada de Palhavã



Em poucos meses mudou completamente a configuração deste local, que o leitor não terá dificuldade em identificar: o Palácio de Palhavã, onde está a embaixada de Espanha, ter-lhe-á imediatamente servido como ponto de referência. Efectivamente, o aspecto que se arquiva é o da antiga estrada de Benfica-Palhavã, onde entronca a Avenida de Berna. O local foi alargado, a fim de nele se abrir a nova Praça de Espanha. Para isso, foi cortada, como há tempos assinalámos, uma pequena parte do parque onde está a Feira Popular, cujo muro, do lado de Palhavã, que faz esquina para a Avenida de Berna, foi recuado alguns metros, como se vê na foto, à esquerda. Também o pequeno muro, com o respectivo gradeamento, que se erguia diante da fachada do edifício da embaixada, já foi deixado abaixo. A nova praça, que terá uma bela perspectiva, mostra já a sua configuração e proporções. As árvores e a parte pavimentada que se vêem no primeiro plano são da Avenida de Berna, onde se colocou a objectiva do nosso fotógrafo

Os dois filhos mais velhos dos condes de Barcelona foram recebidos por Franco e chegaram a Lisboa

No «Lusitânia-Expresso», chegaram hoje a Lisboa os filhos dos condes de Barcelona, D. Juan Carlos e D. Alfonso de Bourbon, que ontem prestaram provas de exames, em Madrid e vêm passar as férias com seus pais no Estoril.

D. Juan Carlos, que na ordem de sucessão viria a ser rei de Espanha, e D. Alfonso, seu imediato na idade, estudam em San Sebastian com outros jovens da sua condição que lhes foram destinados como discípulos.

A Agência Efe informa que D. Juan Carlos e D. Alfonso de Bourbon chegaram ontem de manhã a Madrid acompanhados pelo duque de Sotomayor e pelo conde de Fontanar, sendo recebidos no Instituto de Santo Isidro pelo catedrático Jesus Pabon, presidente do júri e pelos demais professores que os examinaram.

D. Juan Carlos, que cursa grau superior ao de seu irmão, escolheu para prova o tema «A Reforma, a Companhia de Jesus e o Concílio de Trento», acerca do qual dissertou com seriedade e revelando perfeita preparação, o que lhe valeu ser aprovado com distinção, bem como seu irmão, que respondeu a perguntas de ciências naturais e matemática.

Numeroso publico ovacionou os infantes à saída do Instituto de S. Isidro e até tomarem o automóvel em que foram ao palácio do Pardo, onde o generalíssimo Franco os felicitou pelas provas prestadas. Do palácio do Pardo saíram D. Juan Carlos e D. Alfonso para a estação de Delicias, onde tomaram o comboio que hoje os trouxe a Lisboa.

FOGO NUM AVIÃO quando se abastecia de óleo

Num avião de carreira declarou-se fogo esta manhã, às 10 e 55, quando se abastecia de óleo no aeroporto da Portela. Um derramamento de óleo sobre o tubo de escape, que estava quente, causou um incêndio parcial, que foi apagado com um extintor de neve carbónica pelo piquete dos Sapadores Bombeiros que presta serviço no aeroporto da Portela de Sacavem.

MATERIAL DE GUERRA para as forças armadas

Com importantes carregamentos de material de guerra para as forças armadas portuguesas, cedido pelo Canadá, são esperados no Tejo, depois de amanhã, os navios «Marquette» e «Wodford».

BAIXELAS EM PRATA

TODOS OS ESTILOS
FABRICO PROPRIO

Ourivesaria Pimenta

Rua Augusta, 255—Telet. 2 4564

UMA ENTREVISTA DECISIVA?

O chefe do Governo francês e o ministro dos Estrangeiros chinês encontram-se hoje em Berne

(Continuação da 1.ª página)

15 horas na embaixada da França. Os dois estadistas discutirão as negociações de Genebra sobre a Indochina e o futuro das relações franco-chinesas, questões que estão estreitamente ligadas na opinião da delegação chinesa.

Confirma-se nas esferas informadas que a entrevista foi organizada a pedido de Chu En Lai. Este comunicou no sábado passado a Jean Chauvel, que dirige presentemente a delegação francesa em Genebra, o seu desejo de se avistar com o novo chefe do Governo francês e a sua intenção de atrasar, se preciso fosse, a sua partida para Nova Delhi.

A entrevista franco-chinesa de hoje não é a primeira. Com efeito, Georges Bidault conferenciou três vezes com Chu En Lai em 1, 7 e 17 do corrente, mas só a terceira foi oficialmente anunciada.

O encontro de hoje foi preparado do lado francês de acordo com os representantes do Vietnam.

Os Franceses não forneceram por enquanto qualquer indicação além de que a questão do reconhecimento da Republica Popular Chinesa não figura na ordem do dia. Os Chineses recordam que as relações de amizade entre a França e a China têm origens distantes e manifestam o desejo de ver desenvolver os intercâmbios económicos e culturais entre os dois países, mas dão a entender que o estabelecimento de relações diplomáticas não é compatível com a manutenção das relações oficiais existentes entre Paris e Taipé.—(F. P.).

A partida de Chu En Lai

GENEIRA, 23.—Chu En Lai partiu às 12 e 36 para Berne, numa carruagem especial atrelada ao comboio da tabela, a fim de se encontrar com Mendès-France. Acompanham-no Li Ke Nung, ministro-adjunto dos Negócios Estrangeiros, e uma comitiva de umas vinte pessoas.

O chefe do protocolo suíço acompanhou o ministro chinês à estação, onde a Polícia genebrina montara um discreto serviço de ordem.

Antes de seguir para a estação, Chu En Lai fez uma breve visita à delegação soviética e conversou com Kuznetsov, ministro adjunto dos Negócios Estrangeiros da U. R. S. S., que assumiu a sua chefia na ausência de Molotov.

Chu En Lai deve tomar às 20 e 30, em Genebra, o avião especial indiano que o transportará a Nova Delhi. No entanto, segundo uma fonte bem informada, é possível que atrase a sua partida até amanhã de manhã.—(F. P.).

A expectativa em Genebra

GENEIRA, 23.—Todas as atenções se voltam hoje para Berne, onde o novo presidente do Conselho francês encontrará o seu colega chinês. Genebra esvaziou-se como por encanto. O Palácio das Nações está deserto, o mesmo sucedendo com a Casa da Imprensa. Está em ponto morto a actividade das delegações. Só a comissão militar vietnamita se reunirá como de costume esta tarde. Entretanto, os chefes de algumas delegações trocam impressões. Lord Reading, chefe da representação britânica, conferenciou de manhã com o príncipe Wan, ministro dos Negócios Estrangeiros da Tailândia, que preside à redacção do relatório que as potências não-comunistas vão enviar às Nações Unidas a respeito da Coreia, e avistou-se com Jacques Roux, director da secção asiática do Quai d'Orsay, antes da partida deste para Berne, onde assistirá à entrevista Mendès-France-Chu En Lai. Finalmente, Alexis Johnson, chefe interino da delegação americana, convidou lord Reading para almoçar.

Ao passo que os grandes «tenores» da conferência já regressaram às suas

capitais ou se preparam a fazê-lo, os trabalhos entraram numa fase técnica não menos importante.

Já se chegou a acordo para a conclusão de um armistício na Indochina na base de um reagrupamento das tropas no Vietnam e da retirada das tropas estrangeiras do Laos e do Camboja. Mas a forma exacta que tomará este armistício dependerá dos trabalhos das comissões militares (a do Vietnam já está constituída e as do Camboja e do Laos estão prestes a sê-lo), assim como das outras, especialmente a de fiscalização, cuja criação foi proposta pela delegação francesa.

Contudo, não há só problemas técnicos a resolver. Os observadores prevêem que se caminhará para uma neutralização do Laos e do Camboja, mas o termo ainda não foi pronunciado oficialmente e falta achar uma fórmula que satisfaça os Ocidentais e tranquilize os comunistas. Aqueles que têm a certeza de que os dois reinos não serão tragados pelos seus vizinhos comunistas. Estes querem evitar a sua inclusão no sistema de defesa ocidental. Como conseguir salvar a independência dos dois Estados sem nenhuma base estrangeira nos seus territórios e mantendo os acordos que os ligam à França? O problema talvez não seja insolúvel, mas ainda não se encontrou resposta para esta pergunta.

No que se refere ao Vietnam, alguns observadores crêem que o reagrupamento das forças levará a uma partilha do seu território, apesar de ambas as partes estarem de acordo em manter a sua unidade. Com efeito, resta saber se se chegará rapidamente a acordo quanto às modalidades da consulta popular livre, que decidirá o destino do país e se a partilha será apenas transitória ou se, como sucede na Alemanha e na Coreia, tem probabilidades de se prolongar.—(F. P.).

Esteve hoje em Aveiro

o subsecretário da Educação

AVEIRO, 23.—(Pelo telefone).—Encontra-se nesta cidade, desde ontem, o subsecretário da Educação Nacional, sr. dr. Veiga de Macedo, que veio acompanhado pelo sr. dr. Rodrigues Leonidas, funcionário superior daqueles serviços. Aquele membro do Governo presidiu a uma reunião conjunta das comissões distritais e concelhias da Campanha Nacional de Educação de Adultos, realizada no salão nobre do Governo Civil, a qual estiveram presentes o chefe do distrito, outras autoridades, todas as comissões concelhias da Campanha e grande numero de professores.

O subsecretário fez uma larga exposição sobre problemas ligados ao Ensino Primário, salientando o da educação de adultos e prestando esclarecimentos sobre quaisquer dúvidas que pudessem existir acerca dos assuntos que focou.

Os trabalhos prosseguiram hoje em separado com cada um dos presidentes das comissões concelhias e respectivos delegados escolares, para estudo da solução a dar aos problemas das respectivas áreas.

PERDEU-SE

Carteira de antilope preto, contendo caixa pó de arroz ouro, genero francês, com rubis, safiras e carteira interna com dinheiro e vários documentos, durante as paragens de automóvel na Rua Marquês Sá da Bandeira, 112 Miguel Bombarda, com esquina para a 5 de Outubro ou Avenida dos Estados Unidos, entre o n.º 3 e 5.

Está avisada a Polícia e Casas de Penhores. Dão-se boas alvissaras. Comunicar com Avenida dos Estados Unidos, 3, 3.º, esq.º.

Se V. Ex.ª possuir

Ouro, prata ou brilhantes, não tem dificuldades económicas
A nossa casa paga muitíssimo bem.
Grande Ourivesaria da Moda
RUA DA PRATA, 257

Visita a Portugal do almirante Wright comandante supremo aliado no Atlântico

Partiu ontem da base naval de Norfolk, Virgínia, para a Europa, o almirante Jerauld Wright, da Marinha dos Estados Unidos, comandante supremo aliado no Atlântico, que vem visitar seis nações da N. A. T. O., associadas com o seu comando: a Islandia, Dinamarca, Noruega, Bélgica, Holanda e Portugal, onde fará as primeiras visitas de cortesia aos chefes do Governo e ministros da Defesa, desde que foi nomeado para aquele alto posto.

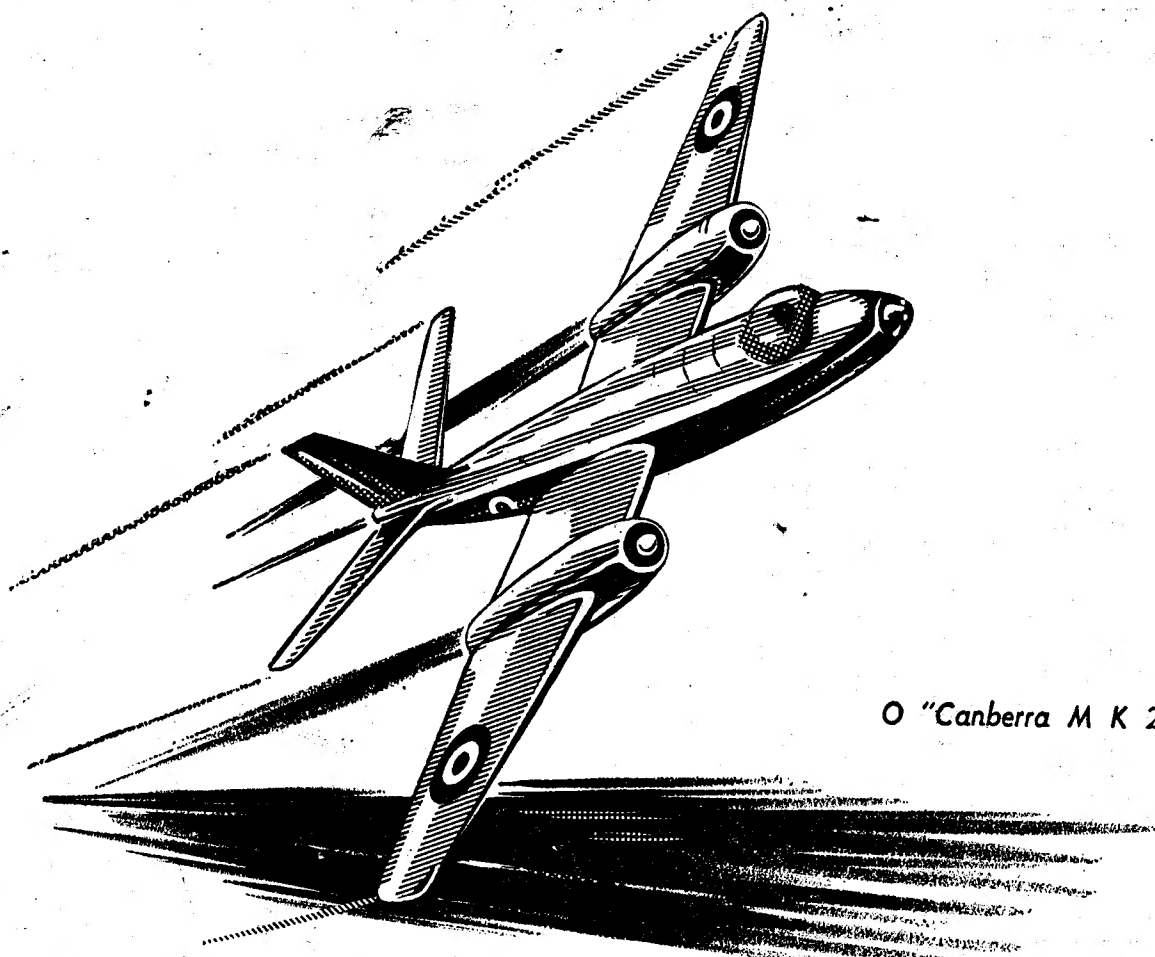
Estas visitas oficiais serão também pretexto para discussões com altas personalidades dos países signatários do Pacto do Atlântico sobre problemas de defesa mutua, e o almirante Wright aproveitará igualmente estas oportunidades para inspecionar as instalações militares.

O comando supremo aliado no Atlântico visitou já a Grã-Bretanha e a França. Contudo, está incluída no seu itinerário uma nova visita a Paris, onde conferenciará, sobre questões de defesa mutua, com o general Alfred A. Gruenther, comandante supremo aliado na Europa.

Durante a viagem de regresso, o almirante Wright desembarcará em Port Lyautey, no Marrocos francês, e nos Açores, estando de volta a Norfolk no dia 11 de Julho. Acompanham-no nesta viagem de 19 dias vários membros do seu estado-maior.

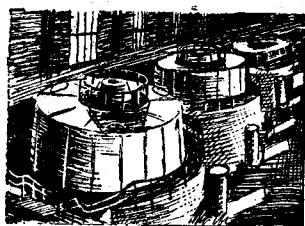
Acôrda de Sável
SALVATERRA DE MAGOS—Tel. 14

ENGLISH ELECTRIC

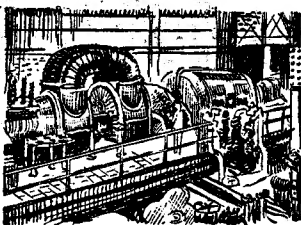


O "Canberra M K 2"

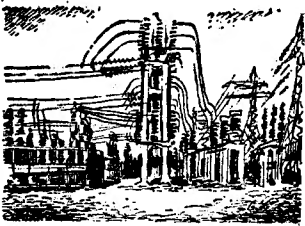
O bombardeiro «CANBERRA M K 2», que a R. A. F. trouxe ao nosso país em visita de cortesia, foi projectado e construído pela The English Electric Company, Limited, de Inglaterra, firma mundialmente conhecida pelas suas múltiplas actividades no campo da engenharia, entre as quais destacamos as seguintes:



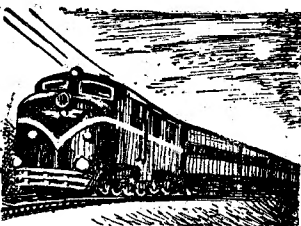
Centrais Hidro-eléctricas: Muitas das grandes centrais hidro-eléctricas mundiais têm em serviço máquinas e aparelhagem «English Electric». Entre nós são exemplos as de Castelo de Bode, de Cabil e de Vila Nova.



Centrais Térmicas: Os grupos turbo-alternadores actualmente fabricados pela «English Electric» são unidades de excepcional rendimento. São também dignos de referência os grupos Diesel-alternador para centrais de apoio.



Subestações: Aparelhagem para alta e baixa tensão, transformadores, disjuntores, fusíveis, seccionadores, instrumentos de medida, etc.



Caminhos de Ferro: Locomotivas eléctricas, Diesel-eléctricas e Diesel-mecânicas, de fabricação «English Electric», encontram-se actualmente em circulação nos principais sistemas ferroviários do Mundo.

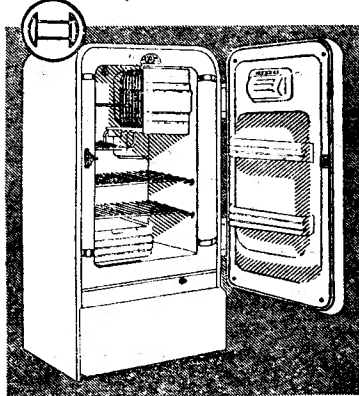
E ainda postos de soldadura a arco, instalações para a extracção de minérios, para a indústria têxtil e para a indústria de laminagem; aparelhagem eléctrica doméstica, etc.

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL E ÁFRICA OCIDENTAL PORTUGUESA:

MONTEIRO GOMES, LIMITADA

RUA CASCAIS, 47 (ALCANTARA) — LISBOA — TELEFONE: 37083/5

BOSCH para todos os lares



Frigorífico automático, de grande categoria a baixo preço. Grupo compressor hermético.

Refrigeração POLAR 5 anos de garantia
R. Emenda, 66, r/c.
LISBOA
Telef. 23081

LIMITADA
e no «stand» da Feira Popular
na Av. Portugal — P. Suécia



Portáteis

CAMPO E PRAIA

Modelos desde 980\$00

A venda em todas as boas casas

COSTA & BRITO, LDA.
RUA DA CONCEIÇÃO, 35-1 LISBOA - TEL. 24253

Reparações em Rádios

OFICINA ESPECIALIZADA

DIRIGIDA POR

RUSSEL SILVA

«**ERGON**»

5-B, Avenida de Roma, 5-C
(a Pr. de Londres)

PIANOS

Verticais e de Cauda

ALUGAM-SE

381, VALZEVIN DO CARVALHO, L.da
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

CASA ALUGA-SE

na Marinha de Cascais.
Trata Telef. 49525

Festas de São João em Figueira da Foz

(Nos dias 23 a 27 de Junho de 1954)

A C. P. vende para a estação de Figueira da Foz bilhetes especiais a preços reduzidos, das estações e apeadeiros desde Entroncamento até Aveiro, desde Serpins, desde Leiria, desde Montemor e desde Mangualde e das estações de Lisboa (Rossio), Santarém, Espinho, Porto (São Bento), Torres Vedras e Caldas da Rainha.

Por exemplo—preços de bilhetes de ida e volta, em 3.ª classe, de:

LISBOA (Rossio) ... 86\$40
COIMBRA (Via Alfaias) 17\$60
PORTO (São Bento) ... 63\$60

Os bilhetes vendem-se nos dias 22 a 27 de Junho. O regresso pode efectuar-se nos dias 23, a 28 de Junho.

Dr. José Cardoso de Menezes (Margaride)

MISSA DO 7.º DIA

Sua família manda rezar missa pelo seu eterno descanso, amanhã, 5.ª feira, pelas 12 horas, na Basílica da Estrela, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto.

NO CAMPO OU NA PRAIA É INDISPENSÁVEL O USO DE

NIVEA

O Creme que protege a pele contra todas as irritações, tornando-a aveludada

Na venda nos bons estabelecimentos
Preços desde 7\$50

Depósito: Pestana & Fernandes, Lda.
Rua dos Sapateiros, 39 — Lisboa



Sociedade Geral

Aceita passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes no seu

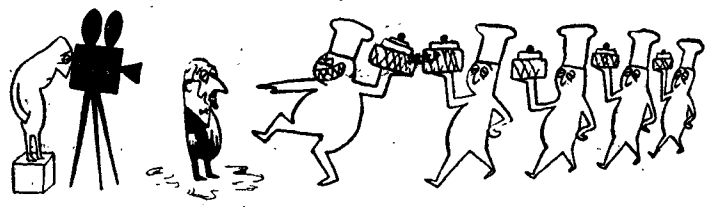
n/m «**RITA MARIA**»

a sair de Lisboa em 30 do corrente directo a
Luanda, Lobito e Moçâmedes

Tratar em:

LISBOA—Rua do Comércio, 39—Tel. 26314/5
PORTO—Rua Sá da Bandeira, 82—Tel. 27363

ESTILO DE FARSA AMERICANA



PROBLEMAS DO CINEMA

A classificação dos filmes na Inglaterra

Tendo bem presente que o Cinema continua a ser o mais universal dos espectáculos e, portanto, o que mais facilmente atinge o povo como instrumento de cultura, a classificação dos filmes em Inglaterra, quanto às ideias dos espectadores, é feita da seguinte forma:

1—São filmes «U» (universal) aqueles que podem ser vistos por espectadores de todas as idades.

2—Os filmes «A» (adultos) destinam-se aos espectadores com mais de 16 anos, mas os menores desta idade podem vê-los desde que acompanhados pelos pais ou pessoas responsáveis pela sua educação.

3—São proibidos a menores de 16 anos os filmes designados «X».

4—Uma classificação especial designada pela letra «H» é dada aos filmes «X» que podem impressionar fortemente e que, portanto, não são aconselháveis a pessoas nervosas.

Na sua extrema simplicidade esta classificação resume-se no agrupamento da maioria dos filmes na classe «U» (cerca de 75%) como próprios para todo o público; em assinalar cerca de 18% dos filmes como aconselháveis para adultos (classe «A»); maiores de 16 anos; e designar como impróprios para menores os filmes restantes (classe «X», cerca de 7%). A classificação «H» é, como se deve calcular, muito restrita. Por outro lado, a legislação inglesa proíbe o ingresso nos cinemas a menores de 6 anos.

É interessante anotar que as informações críticas de revistas da especialidade assinalam frequentemente como «CC» (excelentes para menores) os filmes de aventuras, de viagens, de ficção científica, de acção intensa, nos quais se faz a apologia da coragem, do espírito altruista, da generosidade e da fraternidade. Muitos produtores de filmes para crianças—entre os quais Mary Field—delinham as suas obras de forma a que um enredo, a montagem e os diálogos possam ser apreendidos claramente pelas crianças dos 6 aos 14 anos. Dessa forma, são produzidos filmes que, vendo casos de onde se pode extrair uma moralidade, deixam antever com toda a nitidez a finalidade pretendida.

Feita daquele modo e com largueza de critério, a classificação deixa ao público, nos filmes «U», um vasto campo de distração para a grande maioria das pessoas, sem lhes dar a errada noção de que só podem interessar os adultos aqueles filmes que, exactamente por terem matéria reprovável para menores constituem a excepção.

O cinema em Inglaterra é considerado, de forma geral, como espectáculo para todos e só uma pequena fracção como reservada a maiores de 16 anos.

BALLET

A célebre Tamara Toumanova realizou recentemente, acompanhada pelo primeiro bailarino Roman Jasinsky (que já se naturalizou americano) uma «tournée» pelo Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades brasileiras, obtendo um clamoroso êxito. As duas grandes figuras do «ballet» projectam fundar uma companhia de bailarinos nos Estados Unidos.

O festival de Caracas

No Festival Internacional do Filme que, recentemente, se realizou em Caracas, a França obteve um dos Grandes Prémios com «La route aux épicés», filme de William Novick. Os outros dois grandes prémios foram atribuídos ao Brasil, pelo filme «Sanatório», e à Suécia, que apresentou «Dooderhultarm».

«BARREIRAS VENCIDAS»



«BARREIRAS VENCIDAS» é uma obra cinematográfica de apreciáveis qualidades, que corresponde plenamente ao prestígio de quem a realizou: MICHAEL CURTIZ. Indo contra um hábito feito, de certo modo pernicioso para o nível da programação, o IMPÉRIO resolveu—e muito bem!—apresentar tão excelente programa neste mês de Junho, tirando assim a demonstração de que o público nunca falta quando os filmes se revestem de bom interesse. Donna Reed—último «Oscar» feminino de interpretação secundária—tem uma criação muito notável, ao lado de John Wayne e Charles Coburn, este num papel que ficará a marcar o momento mais alto da sua carreira. Se se disser que a música de tão bela película é de Max Steiner, mais nada será preciso para se prever outro grande êxito para o elegante cinema da Alameda.

★ EXITO

A produção em Itália durante 1953

No decorrer do último ano os estúdios transalpinos, produziram 150 filmes de longa metragem, contra 132 em 1952, 107 em 1951, e 104 em 1950.

Foram ainda rodados 396 documentários e 370 filmes de actualidades. Em 1952 esses totais haviam sido, respectivamente, 329 e 380.

Na época cinematográfica 1952-53 foram estreados em Itália 299 filmes americanos, 131 italianos, 131 franceses (22 ingleses e 14 de várias origens).

A assistência nas salas de cinema atingiu o astronómico número de 780 milhões de espectadores.

UM FILME sobre Dien Bien Phu

Nos estúdios de Hollywood vai ser rodada, dentro em breve, uma película baseada no combate de Dien-Bien-Phu, algumas cenas das quais já foram recentemente projectadas para os televisores americanos.

O título da película será «Salto no inferno», e a figura do general De Castries será interpretada por Allan Ladd. Aguarda-se autorização da família do militar francês para o seu nome ser mencionado na película.



H. G. Clouzot, o célebre realizador francês que nos tem dado algumas excelentes obras, está a terminar a rodagem do seu novo filme «Entre ciel et terre», uma história profundamente original e humana



Não se acredite nesta felicidade aparente de Vittorio de Sica e Gina Lollobrigida em «Pá, amor e fantasia»: ele não conquistará a bela actriz...

CINEMA nacional

* Realizou-se recentemente, no Grémio Nacional das Empresas de Cinema, a pedido de alguns dos seus sócios, uma importante reunião dos produtores de filmes, a fim de serem tratados alguns assuntos ligados com a execução da Lei 2.027 (Fundo do Cinema Nacional) e, particularmente do seu art.º 21 que fixa as condições mínimas de exibição das películas portuguesas bem como o mínimo de receita necessária para a sua permanência em exibição.

A «Nacional Filmes» foi encarregada de elaborar um ante-projecto que, em definitivo, será depois apresentado ao S. N. I.

Foi ainda debatida a questão do sistema de subsídios do Fundo de Cinema e dobragem de filmes. Sobre este último assunto foi comunicado que estava em estudo no S. N. I., desde 1952, uma exposição em que se sugeria que a dobragem fosse facultativa, embora sujeita ao pagamento de uma licença. Sobre estes pontos foi unanime a opinião de que deveria ser alterada a Lei 2.027 e revogado o seu art.º 13 que proíbe a dobragem.

Entre outros assuntos também abordados, estudou-se o art.º 25 daquela lei que sujeita a futura regulamentação a exploração do formato de 16". Foi comunicado que era ideia da União pedir o seu licenciamento em terras onde não existissem cinemas fixos e, ainda, que não se permitisse a substituição de equipamentos de grande formato pelos de 16".

A estes assuntos voltaremos brevemente a fim de os comentarmos.

Protecção ao cinema cultural

O acordo internacional instituído sob os auspícios da U. N. E. S. C. O. para libertar, totalmente, dos direitos aduaneiros as importações de instrumentos educativos, científicos ou culturais, acaba de ser posto em vigor pela Grã-Bretanha.

Dentro dessa isenção, e como era de prever, foram incluídos os filmes de actualidades e de carácter cultural e educativo.



Fernandel, com uma máscara diferente do habitual, num dos seis papéis que interpreta em «Le mouton à cinque pattes»

Fernandel em seis papéis no mesmo filme

Estão a terminar as filmagens da nova película de Henri Verneuil, «Le mouton à cinque pattes», uma «grande comédia de múltiplos estilos», que bate, em França, um novo «record»: o de apresentar em seis papéis diferentes o mesmo actor. E que actor! O maior e o mais diverso pelo seu talento: Fernandel, que interpreta, simultaneamente, papel de irmãos «quintuplos» e o pai.

Cada uma das personagens que ele encarna neste filme permite uma série de extraordinárias composições fazendo de «O cordeiro de cinco patas» um autêntico festival de um dos mais notáveis cómicos franceses.

mundo cinematográfico

Um inglês em Paris

Alec Guinness, o conhecido actor inglês, vai rodar nas ruas de Paris os exteriores do novo filme de Robert Hamner «Paris Affair».

Prevê-se que Alec Guinness se torne, a seguir, em rei de um país imaginário no próximo filme de Preston Sturges... A história conta-nos as peripécias por que um rei passou quando pretendeu eliminar o Exército e a Polícia.

«Ela» é Marina Vlady

O novo filme de Marina Vlady intitula-se «Ela». O argumento é baseado num dos últimos «best-sellers» da Alemanha—o livro do mesmo nome da autoria de Vadzari.

Os últimos boatos acerca do casamento da linda actriz foram por ela desmentidos da seguinte maneira:

—Esses boatos são fantásticos! Fiz dezasseis anos em Maio. O meu professor de escultura, que disseram ser

o meu futuro marido, é pai de família!

A seguir, Marina partirá para Itália a fim de interpretar o papel de amorosa de Shubert, encarnado por Claude Laydu. Mas ela já precisou: —Claude é casado e também é pai de família...

Com o produto dos seus filmes, Marina conta adquirir um cavalo, uma zebra, cães e livros de filosofia confucionista...

Itália

* Quatro documentários de longa metragem estão a ser rodados pelos cineastas italianos nas quatro partes do Mundo. «Continente perdido», na Indonésia; «A virgem do Roncador», no Brasil; «Viagem no Oriente», no Japão e «Índia Misteriosa», na Índia.

Pasta perdida

Pede-se a quem encontrar uma pasta pequena com fivros de cheques e documentos que só interessam ao próprio, o favor de a entregar na Rua da Vitória, 42, 3.º, ou indicar pelos telefones 29880, 51015 ou 47652, onde se pode mandar buscar. Gratifica-se.

FESTAS DE S. JOÃO

GRANDE CORTEJO
DO CONCELHO

DOMINGO, 27

«Expresso-Popular»

A FIGUEIRA DA FOZ

Esc. 70\$00

HORARIO DEFINITIVO

Partida da estação de Lisboa-Ros-
sio às 7-05. Regresso á mesma esta-
ção á 1-00 do dia 28.

Inscrição na Secção de Informa-
ções da estação de Lisboa-Ros-
sio (Tels. 33180 e 33187).



MODELO 1900

CASACO SPORT EM XA-
DREZ DE COLORIDOS
DIFERENTES. CALÇA DE
SARJA OU EM FLANELA
DE VINCO INDEFORMÁ-
VEL. CORES NO TOM DO
CASACO

III~

UM EXCLUSIVO

Adão, Camiseiros

238, Rua Augusta, 240-LISBOA

LEIAM O «SEMPRE FIXE»

FRIGORÍFICOS «MARQUETTE»

EM EXPOSIÇÃO OS NOVOS MODELOS DE 1954



DESDE ESC. 12.000\$00!

5 MODELOS COM IGUAL
CAPACIDADE: 9,25 c. f.

VENDAS A PRONTO
E A PRAZO ATÉ 5 ANOS

5 ANOS DE GARANTIA!

IMPORTADOS E VENDIDOS
DIRECTAMENTE AO PU-
BLICO

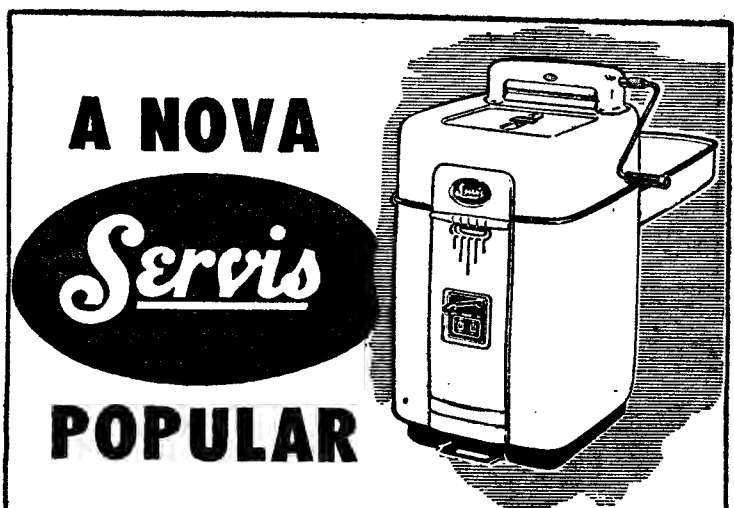
SUSPENSA A REVENDA

OS FRIGORÍFICOS «MAR-
QUETTE», DE ORIGEM
AMERICANA, REUNEM TO-
DOS OS APERFEIÇOAMEN-
TOS DA MODERNA TÊC-
NICA DE REFRIGERAÇÃO

MUITA ATENÇÃO: — Em parte alguma se encontra á venda por tão
baixo custo um frigorífico que reuna as características do «MARQUETTE»

S. P. I. C.

PRAÇA DUQUE DE SALDANHA, N.º 31-B. — Telef. : 4 6626 e 5 1722



A NOVA

Servis

POPULAR

A MÁQUINA DE LAVAR COMPLETA

Um modelo verdadeiramente revolucionário!

UMA MÁQUINA DE TAMAÑO MÉDIO MAS COM
CAPACIDADE SUFICIENTE PARA UMA FAMÍLIA NUMEROSA

A NOVA **Servis** POPULAR *não tem país*

- ★ TEM BOMBA ELECTRICA PARA ESVAZIAR
 - ★ LAVA COM GRANDE EFICIÊNCIA
 - ★ GASTA \$20 POR HORA DE TRABALHO
- PREÇO MODERADO • GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

Representantes:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Lda Rua dos Fanqueiros, 250-2.º Telef. 20353 LISBOA

ASSISTA A UMA DEMONSTRAÇÃO NO NOSSO STAND
DA FEIRA POPULAR

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS DESTINOS

LINHA DA ÁFRICA

«LUANDA»
24 DE JUNHO

Com escala por Leixões, para: S. Tomé
(se necessário), Luanda, Porto Amboim
(se necessário), Lobito, Moçamedes, Lou-
renço Marques, Beira, Nacala e Porto
Amélia (se necessário)

«LUGELA»
2 DE JULHO

Com escala por Leixões, para: Príncipe,
S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim,
Lobito e Moçamedes

«IMPÉRIO»
13 DE JULHO

Com escala por Funchal, para: S. Tomé,
Luanda, Lobito, Moçamedes, Cap-Town,
Lourenço Marques, Beira, Moçambique e
Nacala (se convier)

Chama-se a atenção dos srs. Passageiros para o que está regulamentado
sobre o transporte de bagagens

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

SERVIÇO RÁPIDO DE LUXO

«SANTA MARIA»
3 de Julho
Às 16 horas

(Com escala por Vigo e Funchal) para:
S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Ja-
neiro e Santos.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«VERA CRUZ»
19 de Julho

(Com escala por Vigo e Funchal) para:
La Guaira, Curaçao e Havana.

LISBOA—Rua de S. Julião, 63 — Telefones 30131/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telf. 23342

ESPLENDIDO ARMAZEM

Cede-se cerca do Conde Barão, em boa rua. Área apro-
ximada de 430 m2, com cinco portas para a rua, podendo ser-
vir para stand. Resposta a este jornal, ao n.º 48.

Feira de São João
em Évora

(Nos dias 24 a 30 de Junho
de 1954)

A C. P. vende para a estação de
Évora bilhetes especiais a preços re-
duzidos, das estações e apeadeiros
desde Setil até Canha, desde Lisboa
(Terreiro do Paço), desde Seixal, des-

de Montijo, desde Setúbal e desde
Montemor-o-Novo até Moura, até
Reguengos de Monsaraz, até Moura,
até Vila Viçosa e até Portalegre.
Por exemplo—preços de bilhetes de
ida e volta, em 3.ª classe, de:

LISBOA (Terreiro do Paço) 50\$80
Os bilhetes vendem-se nos dias 23
a 30 de Junho. O regresso pode efec-
tuar-se nos dias 24 de Junho a 1 de
Julho.

FOGOS DE ARTIFÍCIO BALÕES



o maior
sortido

ALMEIDA & OLIVEIRA, Lda
TRAV. NOVA DE S. DOMINGOS, 10
LISBOA

ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

COSTEA, MEU IRMÃO

RARAS vezes tentara subir ao forno. Mas se o tentava todos nós, encostando as espaldas à parede, lhe atirávamos as pernas, fazendo-o rebolar no chão. Como isto já lhe sucedera, ele esperava pela hora em que ressonávamos, todos misturados uns com os outros sobre o forno quente, nosso leito. Então, vinha com a cadeirinha, punha-se ao pé da cama e, com receio de nos acordar, dava dois passos em bicos de pés.

Ah! aquela cama era a sua desgraça, porque nós, sob os efeitos daquele frio Inverno, logo acordávamos, apanhando o Diabrete justamente na altura em que se aconchegava no forno quente. E bastava que um se mexesse, para que todos saltássemos, como se a choupana nos queimasse por cima. Então, o Diabrete apanhava primeiro a fralda da comissinha, para não tropeçar e corria, esforçadamente. Os olhos esbranquiçados brilhavam-lhe de susto mas as pernas finas, de tornozelos nus, mal podiam correr. Nós esconjurávamo-lo.

—Vai-te, Satanás!

—Cruz de oiro!

O Diabrete caía de cabeça para baixo na cama, raras vezes tendo forças para dizer que lhe doía.

—Senhor, muito, o atormentávamos! Uma vez contorcendo-se afritivamente, deitou sangue pela boca que minha irmã Stima recolheu ainda morno, num copo de vidro. Levou-o à altura dos olhos e fixou-o através da vidraça.

—Como é lindo...—dizia ela.—O patio parece que está todo cheio de sangue. E a cancela e os abetos do poço...

—Olha para o Céu!—disse um de nós, de cima do forno.

Naturalmente, o que ela viu era tão lindo que, como as crianças, começou a rir-se e a pular. Em volta do copo travou-se luta pela sua posse. E era tão lindo aquilo que, cada um de nós, à vez, viu por ele, que, daí em diante, resolvemos arranjar vidros de cor. Saímos para a neve e parecia que caminhávamos sobre tapetes azuis e verdes, daqueles que só havia em casa da mulher do pope. Mas a vítima era o nosso cão, que nos parecia feio, magro, de pelos deslavados, assim que o víamos sem os vidros coloridos. Por isso lhe batíamos, à vista de Diabrete que, à janela, rindo e entristecendo, devia pensar: é assim que me batem também...

Voltávamos à cabana e encontrávamo-lo na cama, a fingir que dormia. A mãe trabalhava a dias, a sete ruas de distância, em casa da senhora Bercu, a da taberna. Lavava roupa e lavava pratos. Limpava a cavalariça e davam-lhe um pedaço de pão e uma moeda com o retrato da imperatriz. A mãe voltava tarde e quando entrava nós acordávamos todos, saltávamos do forno e pedíamos que nos mostrasse a moeda, que, um por um, iam contemplando.

Só o Diabrete ficava no seu canto mal contendo o choro. Com sinais, ameaçávamo-lo para que não contasse à mãe o que lhe tínhamos feito durante o dia. E só pela madrugada o ouviamos:

—Bateram-me, mãezinha...

—Muito, meu filho?...

—Sim... Todos, mãezinha...

—Deixa, deixa, que eu vou voltar mais cedo e trago-te pão branquinho...

Mas, de repente, não sei o que sucedeu. A mana Stima começou a protegê-lo com o seu pulso de mais crescida. Tínhamos medo dela e o que ela dissesse ou fizesse era sagrado, sobretudo a partir daquele dia em que chamou o carneiro e lhe deu a comer na palma da mão. A nós, aquele carneiro atirava-nos para as sebes.

Para nós, a mana Stima era como a filha do imperador que matara os gigantes. Por isso lhe chamávamos a gigante.

E, para mostrar a sua força, foi um dia à noqueira, rodeou-a com os braços, como se quisesse arrancá-la, enterrando as pernas na neve até aos joelhos. Da janelinha redonda que dava para o quintal, seguíamos aquela luta encorajando-a, convencidos de que ela ia derrubar a noqueira. Mas a gigante escorregou e ficou uns instantes com a cabeça enterrada na neve. Depois, levantou-se e entrou em casa irada, dizendo:

—Que parva que eu sou!

E começou a rir-se sózinha, enquanto prepa-

rava a roca para fiar.

Agora, para o Diabrete, tinha uma canção pequenina que ouvia à mulher do pope, quando a chamara para lhe embalar o menino:

Vento ao desatino

Dorme, meu menino...

O rosto do Diabrete iluminava-se e adormecia. A doença queimava-o e minava-o, fazendo-o mais magro e mais feio.

—Vai morrer—dizia um de nós.

—Como é isso?—perguntavam os outros.

Stima explicava:

—Deixará de comer, deixará de falar, ficará de repente inteiriçado como a madeira e virá o pope para o levar à igreja e depois à campa.

—Como à campa?—perguntámos nós.

A mana Stima olhava, a ver se o Diabrete ainda dormia e continuava:

—Põem-no numa padiola, embrulham-no numa toalha branca, põem-lhe bolos à roda... Na

CONDENSAÇÃO

do conto de

Eusébiu Camilar

(Poeta, novelista e romancista consagrado, Camilar é uma figura consagrada da moderna geração romena, cujo filão inspirador, no dizer de um crítico, parece proceder das profundezas da terra. Natural de uma aldeia da Bucovina, a sua dramática infância é, porém, esse filão inesgotável de inspiração).

igreja é tudo tão lindo... Queimam incenso e os homens ficam de cabeça inclinada, enquanto o pope canta...

O Diabrete abriu os olhos e ainda ouvira:

—Depois, põem uma grande mesa com cidra de peras e com pão. Todos os vizinhos comem...

—Que bonito...—disse o Diabrete.

E a mana Stima, torcendo-lhe nos dedos uma madeixa de cabelos, cantarolou:

Dorme, meu menino...

De repente, um de nós perguntou:

—Stima, e as mães também morrem?

—Também.

Calámo-nos bruscamente. Uma pergunta pairava ainda:

—Mas a mãezinha vai morrer?...

—Também há-de morrer...

Ficámos todos calados, até ao fim da tarde. E, todavia, aquela padiola de toalhas brancas e os bolos de trigo atraiam-nos o espírito. A mãe, não. Mas o Diabrete podia morrer.

Um dia, a mana Stima foi servir para casa de uma grande senhora da vila. Ela teve pena e, na verdade, a sua partida apressou o fim da vida do nosso irmão mais novo.

—Não vás, Stima...—implorava ele de joelhos, a chorar e a tossir sangue, à beira do leito.

A mãe, para o animar, foi-lhe buscar as moedas com o retrato da imperatriz mas a mana Stima foi-se embora e quando Diabrete perguntava por ela, respondiam-lhe:

—Foi para onde há senhoras vestidas de oiro, como a imperatriz das moedas.

—Traz a Stima—insistia, porém.

A mãe chorava às escondidas, nós comoviamos-nos e até parecia que já gostávamos do Diabrete. Tratávamo-lo, até, pelo seu nome:

—Costea, doi-te muito?

De olhos vidrados, apontava-nos o peito:

—Aqui... aqui... e aqui...

Dávamos-lhe tudo de que mais gostávamos. E como Costea gostava dos pintassilgos que vinham bater nas nossas vidraças, fomos armarmos laços por cima das ameixeiras. Eles vinham micar os grãos de canhamo, apanhávamo-los e como não tínhamos gaiolas, deixávamos-lhos à solta, dentro da choupana. Uma vez, um pintassilgo queimou as asas na candeia.

Mas, com tudo isto, não nos passava da ideia a festa que ia ser o enterro do nosso irmão. Contávamos coisas novas acerca das noites a velar

o corpo e das brincadeiras das crianças que apreciavam.

No dia em que o Diabrete tentou descer sózinho da cama, senti um baque no peito: se ele ia sarar e lá se perdia a festa?

—Sentas-te bem, Costea?—e apalpávamo-lo.

—Já não me doi!—respondeu, indo sentar-se à «mamaliga» e comendo com grande afeição.

Os outros olhavam-no e eu lia-lhes no rosto o seu despeito: foram-se a festa branca, a vela, os bolos, a gentiagem das visitas...

Só agora dávamos conta de que tínhamos passado a amar o Diabrete, por causa dos grandes acontecimentos que ele traria à nossa vida. E agora, sentíamos despeito, ao vê-lo comer tanto, levando as mãos delgadas, da boca á escudela, com rapidez e apetite de cão.

—Deixa alguma coisa para nós!—gritavam.

Ele levantou-se da cadeira e foi, aos passos miudos para a cama, dizendo, a olhar para tudo e para todos:

—Já não comerei por muito tempo...

—Como sabes tu isso?

—Disse-mo, a noite passada, uma senhora

branca... «Amanhã, levanta-te e come. Porque, depois, vamo-nos embora. Come o mais que puderes»...

Pedi a tesoura para cortar as unhas e os sabugos amarelos, ficando nesse trabalho até ao anoitecer. Agora, tínhamos a certeza de que ele ia morrer. Tínhamos dito que comem muito e cortam as unhas aqueles que vão morrer.

A mãe levantara-se cedo para ir à vila ver a mana Stima. E como na floresta havia lobos, pôs uma faca na sacola sobre a anca e um pau de baixo do braço. Com a boca tapada pelo lenço, mal lhe ouvimos dizer:

—Cuidem do Costea... Tragam-lhe pintassilgos...

Havia frio e o gelo enflorava as vidraças. Um de nós recomendou à mãezinha que não se deixasse comer pelos lobos.

A' noite, os galos puseram-se a cantar e sentimos medo de que viesse o velhote de pernas de cavalo calçado de botas. Por que sentíamos medo? Diabrete respirava mal e dizia:

—Ela vai trazer a Stima...

Calámo-nos as «opinci» de porco e pusemo-nos à espera da madrugada que tardava. O Céu começara a arder a Orientada. Fomos para o patio e um de nós disse que o Diabrete morria naquele dia.

Demos restolho ao carneiro, gelávamos, queríamos voltar para casa mas o interior da choupana amedrontava-nos. Reunimo-nos diante da porta, para nos aconselharmos e, de cabeças juntas, falámos do reino da morte: iria ele dar-se bem, com este frio, demais a mais, indo em camisa, sem gorro, sem calças, nem casaco?...

Resolvemos defendê-lo, ficando de atalaia, pelo menos até que a mãe chegasse, que a mãe pode tudo. Através dos vidros, vimos o Diabrete a mexer-se na cama. Levantou-se num cotovelo e olhou para nós. Ficou muito tempo assim e depois caiu para trás. O vizinho apareceu a perguntar-nos que estávamos nós a olhar e nós dissemos-lhe:

—O nosso Diabrete.

O vizinhoriu-se e enterrou a forquilha no estercor que estava a carregar no trenó.

Quando entrámos em casa, Diabrete estava de boca escancarada e dos cantos da boca corriam-lhe dois fios de sangue. Chamámo-lo, fizemos-lhe cócegas, abrimos-lhe as pálpebras cerradas, tentámos mexer-lhe a mão gelada.

Era isto a morte? Era assim que começava a festa das toalhas brancas?

Tínhamos medo, como se fossemos nós quem o matara e começámos a acusar-nos uns aos outros. E, enquanto tentávamos fugir, empurrávamo-nos e soqueávamo-nos.

—Porque estão assim a chorar?—perguntou uma mulher que passou, vendo-nos, debaixo da janela aos gritos. Mas nenhum de nós respondeu. Depois, calámo-nos de repente, contemplando o Sol que despontava por detrás do outeiro do Oadeci. E pus-me a correr pelo caminho que leva à vila. Para quê?

Talvez para alcançar a mãe e fazê-la voltar para trás. Mas, na estrada real, a ventania cobria de neve as suas pégadas, como se ela nunca tivesse passado por ali...

Contra o analfabetismo

Festa dos finalistas da Escola do Magistério Primário de Évora

ÉVORA, 21.—A festa dos alunos finalistas da Escola do Magistério Primário desta cidade decorreu com os cerimoniais do costume: missa, de manhã, na igreja da Casa Pia, e benção das pastas, à tarde, na igreja do Carmo, dada pelo sr. arcebispo de Évora, seguida do acto inaugural da exposição de trabalhos escolares, com a assistência das autoridades.

A' noite, no ginásio do liceu local, efectuou-se a tradicional recita de gala.

Melhoramentos locais

Luz eléctrica na Torreira

MURTOSA, 22.—O Governo concedeu à Câmara Municipal deste concelho a comparticipação de 104.000\$000 para electrificação da freguesia da Torreira, obra de mais elevada importância para o progresso e engrandecimento daquela praia. O Município irá, imediatamente, dar início às obras de instalação da rede de iluminação pública, de modo que na próxima época balnear já esteja inaugurado este notável melhoramento.

VIDA RELIGIOSA

Missa Nova

MURTOSA, 22.—No próximo dia 4 de Julho vai cantar a sua Missa Nova, na igreja matriz desta freguesia, o rev. padre Joel de Oliveira, natural de Setúbal, mas ligado à freguesia da Murtosa por laços de família.

O novel sacerdote é muito querido nesta terra e por isso a população lhe dispensará a sua entusiástica colaboração, proporcionando-lhe uma festa brilhante e que marcará pelo entusiasmo e devoção religiosa.

Leiam o jornal SEMPRE FIXE

VIDA MUNDANA

CASAMENTO

Na igreja do Santo Condestável, realizou-se, há dias, o casamento da sr.^a D. Nair Ivone Paulino Reis, filha da sr.^a D. Francisca Paulino Reis, já falecida, e do sr. Lino da Silva Reis, com o sr. João Luis Pimenta, filho da sr.^a D. Albertina Paixão Lindin, já falecida, e do sr. dr. Leitão Pimenta.

Apadrinharam o acto as sr.^{as} D. Sara Lisboa e D. Julia Reis. Depois da cerimónia religiosa, a que assistiram muitos convidados, foi servido um finíssimo copo-d'água. Os noivos seguiram em viagem de nupcias para o Norte do País.

DESPORTOS

HÓQUEI EM PATINS

Com uma excelente primeira parte o Paço de Arcos bateu o F. Benfica por 11-4

Realizaram-se ontem à noite três encontros a contar para o campeonato regional do Sul. Pela categoria dos adversários, o jogo do Paço de Arcos com o Futebol Benfica era o mais importante da jornada, o que deixava prever maior afluência de público ao ringue dos campeonatos, um ringue que já não serve o clube que tantos êxitos tem conseguido para a modalidade.

Anda o Paço de Arcos empenhado em resolver o seu grande problema, mas a construção do novo recinto está dependente da escolha definitiva do local apropriado, o que já originou duas correntes de opinião. Também a Câmara Municipal de Oeiras ainda se não decidiu na parte importante que lhe diz respeito, pois há expropriações a fazer em qualquer dos locais previstos para a localização do recinto.

Mais do que um problema do clube, a obra que o Paço de Arcos quer levantar na terra que tem dado tantos campeões ao hóquei em patins, é um problema da modalidade. Há que colocar o interesse superior do desporto acima dos entraves da burocracia e deixar que surjam, para servir o hóquei, todas as edificações que os clubes, aos quais se deve tudo o que está feito, pretendem levantar à custa de esforços a que os anos de trabalho os habituaram. Não há aqui um problema que diz respeito apenas ao Paço de Arcos. Cada ringue novo que surge é mais um passo no caminho da expansão do jogo, que já ultrapassou em muito os acañados limites em que ainda vive. O problema dos ringues interessa ao desporto e, se há modalidades que merecem o apoio superior, o hóquei em patins é, com certeza, das primeiras a justificar todo o auxílio. Paço de Arcos, pelo seu trabalho de tantos anos em favor duma causa que interessa o nome do País, criou direito a ter um ringue de harmonia com o valor dos seus atletas.

As equipas apresentaram-se assim constituídas:

Paço de Arcos: Vilaverde, Escudeiro, Virgílio, Jesus Correia, Correia dos Santos e Ribeiro.

Futebol Benfica: Ferreira, Carlos Alberto, Guy Silva, Soares, Sales e João Francisco.

Árbitro: Artur Dyson.

Os vencedores, com uma primeira parte em cheio, chegaram ao intervalo a ganhar por 7-1.

AS GRANDES PROVAS DE AUTOMOBILISMO

O Circuito Internacional do Porto vai disputar-se pela quinta vez

Os desportistas portugueses vão ter o ensejo de ver de novo disputada no seu País uma competição automobilística de grande projecção internacional. E' da iniciativa do Automóvel Clube de Portugal e realiza-se no Porto nos

dias 26 e 27 do corrente. Trata-se do Circuito Internacional do Porto, que se efectua pela 5.ª vez e no qual já se inscreveram «ases» de muita fama no mundo automobilístico, como Ascari e Villorasi.

Na capital do Norte lava o maior entusiasmo pelas corridas. A do dia 26, conta para a taça «Cidade do Porto». Entusiasmo a todos os títulos compreensível. São raros no País acontecimentos de tal importância!

Estão já construídas bancadas que poderão acomodar 7.000 pessoas. Aguarda-se receita compensadora. Não obstante, os «ases» estrangeiros fazem-se pagar bem caro.

O certo é que os desportos mecânicos progredem em Portugal, contando já com uma verdadeira legião de adeptos. Aceita-se esse entusiasmo, pois as competições do género revestem-se sempre de brilho e emoção excepcionais.

O Automóvel Clube de Portugal instituiu, para o corredor que fizer a volta mais rápida, o troféu «Bonetto». Este famoso corredor foi o vencedor do 1.º Circuito e vítima de um desastre mortal, quando disputava uma grande prova no México. De aí, a homenagem do A. C. P. ao malogrado Felice Bonetto.

Foram vencedores dos outros três circuitos: Em 1951—Casimiro de Oliveira (Portugal); em 1952—Castellotti (Itália); em 1953—Nogueira Pinto (Portugal). No ano passado também se efectuou a corrida dotada com a taça «Cidade do Porto», a qual foi ganha pelo «volante» avariente Francisco Corte Real Pereira.

Os automobilistas portugueses de mais fama, como Vasco Sameiro, Nogueira Pinto, Casimiro de Oliveira e D. Fernando de Mascarenhas estarão presentes e irão dar certamente luta esforcada aos famosos «ases» estrangeiros.

Por 22\$00

V. Ex.ª almoça ou janta maravilhosamente no Restaurante Clementina, Rua Jardim do Regedor, 37-1.º. (aos Restauradores).

MOBILIAS

Quarto ou Casa Jantar em casanho ou módo 3.300\$. Em conaplacado 2.800\$. Em casanho e eucalipto 1.800\$. 1. Fiéis de Deus, 69 (à esquina da Rua da Rosa).

NATAÇÃO

Torneio de preparação organizado pela A. N. L.

Inicia-se no próximo domingo, na piscina de Algas, o torneio de preparação organizado pela Associação de Natação de Lisboa, o qual prosseguirá no domingo seguinte.

O programa do dia 27 compreende as seguintes provas: Iniciados—100 metros (costas), 100 metros (mariposa) e 5X33 metros (livres); Aspirantes—200 metros (bruços), 200 metros (livres) e 4X100 metros (estilos); Principiantes juniores e seniores—100 metros (costas), 800 metros (livres), 100 metros (mariposa) e 7X33 metros (livres); Senhoras, inscrição livre—100 metros (costas) e 100 metros (mariposa); Infantis—33 metros (costas) e 33 metros (bruços).

As provas da 1.ª jornada começam a disputar-se às 10 e 30 horas.

Como se trata de um torneio de preparação, os tempos obtidos pelos concorrentes não contam para a passagem de categoria.

Campeonato do Mundo de longa distância

O campeonato do Mundo de natação a longa distância realiza-se este ano no Egipto, em Dezembro. Em 1955 caberá a Federação Francesa a organização deste campeonato, que será disputado em Paris, de Corbeil a Billancourt, num percurso de 45 quilómetros. Fala-se já na inscrição de nadadores canadianos, africanos e sul-americanos.

Encontro sensacional em Honolulu: Japão-Hawaii

Está marcado para os dias 30 do corrente e 1 e 2 de Julho, em Waikiki, Honolulu, um encontro entre nadadores japoneses seleccionados pela sua Federação e uma selecção das ilhas Hawaii. Na equipa hawaiana figuram os famosos Ford Konno, Dick Cleveland e Yoshi Oyakawa.

Com os seis melhores nadadores japoneses este encontro entre Japoneses e Havaianos, incluindo no famoso festival anual de Waikiki, torna-se quase tão importante como um Japão-Estados Unidos e constituirá, por certo, um dos factos mais culminantes, senão o mais culminante da natação nesta época.

A Federação vai tentar trazer a Portugal a equipa argentina que anda em digressão pela Europa

Posta de parte a deslocação ao nosso País da equipa alemã representativa da Liga de Natação de Hesse, a Federação vai tentar conseguir da equipa argentina que há dias passou no nosso aeroporto a caminho da Suíça, Alemanha, Itália e, possivelmente, Espanha, países onde vai participar em vários torneios, que na sua viagem de regresso se demorem em Lisboa o tempo necessário para participarem num festival a organizar pela mesma Federação.

E' sem duvida boa a resolução da Federação, que pretende, deste modo, não deixar passar em branco, no que se refere a torneios internacionais, o ano de 1954.

Oxalá o consiga, porque o contacto internacional nos é muito necessário, quer no que pode concorrer para a melhoria técnica dos nossos praticantes, quer como propaganda junto do publico.

A Federação parece contar com os bons officios da legação da Argentina para conseguir o que pretende.

TIRO AOS PRATOS

Um torneio em Vila Franca

No próximo dia 11 de Julho, por ocasião das tradicionais e castiças festas do «Colete Encarnado», realizar-se-á, em Vila Franca de Xira, por iniciativa de alguns desportistas, um torneio de tiro aos pratos, no qual serão disputados valiosas taças, objectos de arte e atribuídos bons prémios pecuniários.

O referido torneio constará de quatro provas, sendo uma para «Principiantes», uma de «Ensaio», uma de «Doubles» e uma de «Honra».

O produto liquido destas provas desportivas revertirá integralmente para os cofres da Misericórdia-Hospital Civil e do Centro de Assistência Social Infantil (C. A. S. I.), os quais lutam com enormes dificuldades para manter e continuar a sua nobilíssima missão.

Espera-se, assim, que os simpatizantes de tão emocionante desporto compareçam naquela villa, para com a sua presença dar ao torneio um maior êxito e brilhantismo.

O ATENEU COMERCIAL

festeja o seu 74.º aniversário

Integrada no programa comemorativo do 74.º aniversário do Ateneu, o sr. Jorge Rebelo realiza hoje, às 21 e 30, no sede da colectividade, uma conferência subordinada ao tema: «O Ateneu no Campo da Educação Física».

Em seguida, haverá exhibições de ginástica pelas classes «Educativa Feminina», vencedora do Campeonato Nacional, dirigida pela professora sr.ª D. Maria de Lourdes Tainha, e «Educativa de homens» especial—dirigida pelo professor sr. João de Moura e Sá. A entrada é livre.



A mesma
quantidade
de
combustível
leva
10%
mais longe

... graças ao seu aproveitamento integral!

Três em cada quatro automóveis deixam de aproveitar toda a potência do motor ou todo o rendimento do combustível. Mas, quando o seu automóvel está equipado com um novo jogo de Velas Champion, pode alcançar até 10% adicionais de quilometragem.

As novas Champion pagam o seu custo somente com o combustível que economizam.

VELAS CHAMPION
de IGNICÃO TOTAL

REPRESENTANTES
C. SANTOS LDA.
29-AV. DA LIBERDADE-41
LISBOA

Juncal do Campo - Castelo Branco

António Afonso de Almeida

Maria Pires Afonso de Almeida, João Afonso de Almeida, José Afonso de Almeida, Adeline Afonso de Almeida, António Afonso de Almeida Pires, Maria Afonso de Almeida, Joaquim Afonso de Almeida, Manuel Afonso de Almeida, Augusta Afonso de Almeida, Evangelina Ramos de Almeida, Augusta Faria Salavisa de Almeida, Emilia de Sousa de Almeida, Rui Ramos de Almeida, Maria Helena Faria de Almeida, Carlos Alberto Faria de Almeida, Maria Emilia de Sousa de Almeida, Maria Manuela de Sousa de Almeida e demais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações o amado e falecimento do seu muito chorado marido, pai, sogro, avô e parente, e que o seu funeral se realizou no dia 18 do mês corrente para o cemitério de Juncal do Campo.

Participação do Desemprego para várias obras

O Ministério das Obras Públicas concedeu, pelo Fundo do Desemprego, as seguintes participações: Camara Municipal de Vila Flor, 134.400\$00, para adaptação do antigo edificio dos Paços do Concelho e Biblioteca-Museu Municipal do referido concelho; a Camara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 2.320\$00 para reparação da cantina escolar; a Camara Municipal de Sintra, 11.000\$00 para reparação de estragos causados pelo temporal de Março do corrente ano; a Camara Municipal de Cascais, 78.000\$00 para melhoramentos na esplanada do passeio de Maria Pia, em Cascais; a Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, 24.999\$50 para conservação do canal de Alpiarça; a Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, 15.356\$00, reparação da margem do rio Mondego a jusante do porto de S. Martinho do Bispo; a Direcção-Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais, 199.111\$, para ampliação da capela do Sanatório Sousa Martins, da Guarda; a Província Portuguesa da Ordem Beneditina, 150.000\$00 para a construção de um mosteiro beneditino em Singeverga; a Camara de Alenquer, 70.000\$00 para a construção de um cemitério em Cabanas de Torres; a Camara Municipal de Santo Tirso, 176.400\$00, para execução dos trabalhos de construção do 2.º lance do caminho municipal de Santo Tirso a Covelos, terceira fase.

A viagem presidencial

(Continuação da página central)

fornalha da locomotiva do novo comboio. Terminada a cerimónia, o sr. general Craveiro Lopes subiu para o primeiro comboio que percorre a nova linha e que, pouco depois, iniciou a sua marcha, devendo chegar cerca das 13 horas ao quilómetro 78, onde o chefe do Estado se detém para visitar o Posto Experimental do Caracul.

Ali se encontrará o sr. dr. Abel Pratas, chefe dos Serviços de Veterinária e Industria Animal de Angola, que apresentará o sr. presidente da Republica ao director do posto, sr. dr. Santos Pereira.

Em volta do posto estarão concentrados os rebanhos dos carneiros caracul e de ovelhas indígenas e cruzadas que a este pertencem. Os rebanhos dos criadores particulares ter-se-ão, por sua vez, concentrado junto dos apeadeiros do Cuto e do Luso, onde o comboio presidencial, antes de chegar ao quilómetro 78, terá breves paragens, afim de que o sr. general Craveiro Lopes possa ter uma visão do conjunto do que é já hoje e do que representa em riqueza pecuária, a Reserva do Caracul.

Entretanto, Moçamedes prepara-se entusiasticamente para receber o chefe do Estado com uma das mais expressivas e expansivas manifestações de que ele terá sido alvo em Angola. Ultimam-se as ornamentações das ruas. No por-

to embandeiraram-se os barcos. De Porto Alexandre, da Lucira, de Chapéu Armado, Mocúio e de todas as pescarias ao longo da costa chegam embarcações e carrinhas com pescadores europeus e suas famílias.

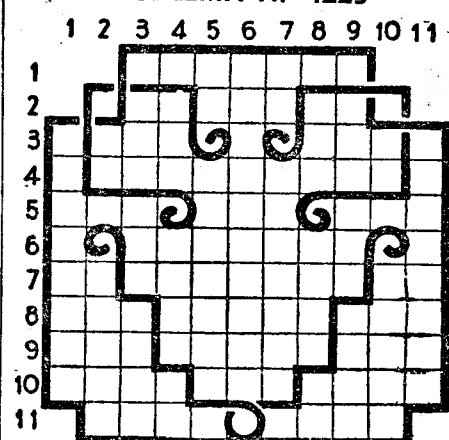
Entre os milhares de indígenas que aguardam também o chefe do Estado destacam-se, com as suas peras em bicoe os seus complicados penteados de que têm grande orgulho, os Mucubais, povo de pastores errantes, afamados criadores de gado.

A guarda de honra junto á Camara Municipal será prestada pela corporação dos Bombeiros Voluntários de Moçamedes. Na sessão de boas-vindas, usam da palavra para saudar o sr. presidente da Republica, o presidente da Comissão Municipal, sr. dr. Mário Moreira de Almeida, e o presidente da Associação Commercial, Industrial e Agricola de Moçamedes, sr. Eduardo Torres, descendente de uma das famílias aqui chegadas em 1849, a bordo da nau «Tentativa Feliz».

Espera-se que se revista de extraordinária vibração a manifestação popular que esta noite irá, com archotes, até ao palácio do governo, saudar o chefe do Estado e em que se incorporam delegações de todas as pescarias da região. Os barcos no porto, assim como os principais edificios da cidade, quer officiaes quer particulares, apresentar-se-ão também festivamente iluminados.—(A. N. I.)

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 4223



HORIZONTAIS: 1—Subia. 2—Passar. Porém. Artigo (pl.). 3—Vão. Lírio. 4—Impenetrável. 5—Também não. Procede. Colocar. 6—Apreciar. 7—Nota de musica. Riso sem ruído. Prefixo de negação. 8—Fúria. Maçada. Desumano. 9—Aqui está. Quadris. Lista. 10—Normas. Preposição e artigo (pl.). Prejudico. 11—Partir. Querido.

VERTICAIS: 1—Cidade do distrito do Porto. 2—Interjeição de espanto. Uma das constelações do Zodíaco. 3—Guinde. Espaço de tempo. Uma das divisões do Mundo. 4—Grande quantidade. Quantia. Nota de musica. 5—Preposição. Mulher respeitável. 6—Elogio. 7—Carta de jogar. Recreio. 8—Acolá. Liberdade. Além. 9—Textualmente. A favor. Julgar. 10—Apenas. Colérico. 11—Serra dos distritos de Aveiro e Viseu, também chamada de Besteiros.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4222

HORIZONTAIS: 1—Adiam. Causa. 2—Perdem. Aviar. 3—Um. Vés. Bi. 4—Roi. Catem. Fia. 5—As. Pelotas. As. 6—Ladínices. 7—Fá. Redimir. Es. 8—Ato. Sama. Ano. 9—Il. Ris. Tu. 10—Anota. Adores. 11—Louco. Abusa.

VERTICAIS: 1—Apura. Falal. 2—Demos. Latino. 3—Ir. Par. Ou. 4—Adi. Cedez. Etc. 5—Me. Validar. Ao. 6—Metonímia. 7—Cá. Sé. timos. Dá. 8—Avo. Macia. Sob. 9—Ui. Ser. Ru. 10—Sabias. Entes. 11—Arias. Sousa.

CAMISAS BRANCAS

AS MELHORES QUALIDADES
OS MELHORES PREÇOS

TORRE EIFFEL

104 — RUA DO CARMO — 106

O PORTO pelo telefone

Novo horário para o comércio

PORTO, 23.—Superiormente aprovado, a Camara Municipal já tem afixado o novo horário para abertura e encerramento de estabelecimentos, a vigorar desde 1 de Setembro próximo.

Assim, os estabelecimentos de retalhistas de mercearia, a título experimental e durante um ano, observarão o seguinte horário: de segunda a sexta-feira, das 9 às 13 e das 15 às 20 horas, e aos sábados, das 9 às 13 e das 15 às 21. Os outros estabelecimentos comerciais funcionarão das 9 às 12 e 30, e das 14 e 30 às 19 horas. Os estabelecimentos sujeitos a regimes especiais não alterarão os seus horários.

É possível que estas modificações dêem bons resultados, tanto mais que presentemente, encerrando os estabelecimentos, repartições e escritórios, tudo á mesma hora, é difícil para muitas pessoas que moram longe dos locais de trabalho, cumprir rigorosamente os horários de abertura, pois é enorme o congestionamento de meios de transporte, por vezes deficientes, irregulares e sempre sujeitos a todas as contingências.

Concerto da Pró-Arte

Com a colaboração dos artistas Kapharina Carneyro (violonista) e Dália Soveral Torres (pianista), realiza-se no próximo sábado, dia 26, o 6.º concerto da temporada, na Delegação da Pró-Arte nesta cidade.

Arrendamento de casas por licitação em hasta pública

Na sala de extracções da Estafeta da Santa Casa de Misericórdia, foi hoje posto em leilão o direito ao arrendamento do 2.º andar do prédio n.º 11, do Beco dos Lóios, com três divisões, por 300\$000 mensais.

Compareceram quatro pessoas mas só três licitaram com lances de 10\$00. Foi arrematado o aluguer da referida casa por 340\$00.

No próximo dia 28, ás 11 horas, vai á praça o aluguer do 2.º andar, esquerdo, do prédio da Rua da Prata, 267, destinado a escritório, por 1.200\$00 mensais.

Missão aeronáutica brasileira

O sr. general Alfredo Sintra, director-geral da Aeronáutica Civil, recebeu hoje, de tarde, a missão aeronáutica brasileira, chefiada pelo brigadeiro Raimundo Aboim, director-geral da Aeronáutica Civil do Brasil, com quem tratou de assuntos relacionados com o Acordo de Transportes Aéreos entre Portugal e o Brasil.



**S. João para ver as moças
Fez uma fonte melhor,
Que deitava em vez de água
O Velho Porto NIEPOORT.**

Agentes no Sul do País:

J. NUNES DA SILVA

R. do Corpo Santo, 16-1.º

Telef. 2 5498 — Telegr. «Saliswine»

LISBOA

Representante no Norte:

J. Nogueira & Sousa Pinto

Rua do Almada, 246-2.º

Telefone 25143

PORTO

Os acontecimentos na Guatemala

O Governo diz que está senhor da situação

e os insurrectos afirmam que fazem progressos

BOGOTÁ, 23.—Segundo a rádio de Tegucigalpa, aqui captada, informam de fonte governamental guatemalteca, que as tropas rebeldes batem em retirada, no sector ocidental. Da mesma origem, dizem que «tropas mercenárias sofreram grandes perdas e que em vários sectores a retirada do inimigo foi cortada».—(F. P.).

Os rebeldes afirmam que penetraram 18 kms. em território guatemalteco

BOGOTÁ, 23.—A «Rádio Libertación» diz que as forças anticomunistas ocuparam Zacapa e Escupula, bem como 23 aldeias. Diz a mesma rádio que as «forças libertadoras» penetraram 19 kms. em território da Guatemala. —(F. P.).

A rádio oficial da Guatemala desmente «Rádio Libertación»

BOGOTÁ, 23.—A rádio oficial de Guatemala, captada aqui, desmentiu que o posto emissor da «Rádio Libertación» estivesse já instalado em território guatemalteco. A rádio oficial, por outro lado, protestou contra a «manobra» efectuada ontem por um posto emissor clandestino, o qual, anunciando o indicativo do posto da capital da Guatemala, difundiu vários decretos hipotéticos, assinados no palácio nacional, segundo os quais, o Governo estava demissionário, o Congresso Nacional dissolvido e a Constituição de 1945 abolida. A rádio oficial terminou afirmando que o general Arbenz «domina completamente a situação». —(France Presse).

A capital não foi ocupada

SÃO SALVADOR, 23.—Um comunicado oficial do Governo guatemalteco, difundido pela Rádio Nacional, anuncia que as forças do coronel Castillo Armas não ocuparam a capital. —(France Presse).

A situação em Puerto Barrios

BOGOTÁ, 23.—Segundo a rádio de Tegucigalpa, captada aqui, os barcos ancorados em Puerto Barrios e pertencentes, na sua maioria, à companhia americana «United Fruit», levantaram ferro a noite passada. A mesma rádio acrescentou que a «batalha para a posse deste porto, entre tropas governamentais e rebeldes, está iminente». —(F. P.).

Aviões revolucionários lançaram pára-quedistas na Guatemala

BOGOTÁ, 23.—«Rádio Libertación», numa emissão captada ontem em Bogotá, diz que «aviões revolucionários lançaram pára-quedistas no território da Guatemala», e que «o exército de libertação sob o comando de Castillo

Armas, atacou durante toda a noite, objectivos defendidos pelas tropas governamentais». —(F. P.).

A batalha dos comunicados e a guerra das ondas

MEXICO, 23.—Reina extrema confusão quanto à situação na Guatemala provocada pelos comunicados contraditórios do Governo e dos rebeldes. A esta batalha de comunicados há a acrescentar a guerra das ondas de que constitui exemplo o caso do emissor clandestino que utilizou o indicativo «TGW» da Rádio Nacional para fazer crer que a capital caíra em poder das forças do coronel Castillo Armas.

No entanto, parece evidente que as forças atacantes ainda não alcançaram o êxito decisivo que poderia provocar o desmoronamento do regime de Arbenz, o qual continua aparentemente a dominar a situação fora das zonas de combate. As operações actuais corresponderiam, assim, a sondagens do terreno antes das batalhas decisivas à volta dos principais centros estratégicos do país. —(F. P.).

Manifestações de solidariedade ao Governo da Guatemala

BUENOS AIRES, 23.—O presidente do Partido Radical argentino visitou esta manhã o embaixador de Guatemala, Manuel Galich, para lhe apresentar as «simpatias do seu partido,

pela causa do Governo de Guatemala». Por outro lado, a «Aliança Nacionalista» publicou um comunicado no qual declara que «o povo argentino dá o seu apoio aos povos livres da América que lutam pela sua soberania e que não desejam, nem o jugo americano, nem o jugo comunista». —(France Presse).

MONTEVIDEU, 23.—A Cámara dos Deputados do Uruguai manifestou solidariedade com a Guatemala e declarou que «a agressão contra a Guatemala constitui uma conspiração contra a paz, na América, e uma negação do direito de os povos livres decidirem do seu próprio destino».

A resolução, aprovada por 32 votos contra 28, vai ser enviada a todos os congressos nacionais da América Latina. —(Reuter).

SANTIAGO DO CHILE, 23.—A Cámara dos Deputados chilena aprovou uma resolução, por 34 votos contra 15, condenando «a agressão de que a Guatemala é vítima». Decidiu, também, que a Cámara dos Representantes dos Estados Unidos fosse informada da «grave preocupação» com que os deputados chilenos «vêm a agressão que está a ser sofrida pela Guatemala e as suas sombrias consequências para os alicerces do sistema inter-americano». —(Reuter).

A Guatemala pediu

uma segunda reunião extraordinária do Conselho de Segurança da O. N. U.

NAÇÕES UNIDAS, 23.—A Guatemala pediu oficialmente uma segunda reunião extraordinária do Conselho de Segurança para examinar a agressão de que se crê vítima. Foi numa carta de três páginas, dirigida a noite passada ao secretário-geral da O. N. U., que o embaixador da Guatemala, Eduardo Castillo Arriola, pediu essa reunião.

O Governo da Guatemala tinha feito, por telegrama, um primeiro pedido, em princípio, mas o embaixador retardara o envio da sua carta oficial em virtude da declaração de Henry Cabot Lodge, na qual este, presidente do Conselho de Segurança, afirmara nomeadamente que a Guatemala era vítima da política soviética.

O pedido foi precedido de longas conversações entre o representante da Guatemala e várias outras delegações, bem como de conversações telefónicas com o ministro dos Negócios Estrangeiros de Guatemala. —(F. P.).

Nicarágua e Honduras protestam contra uma acusação da Guatemala

WASHINGTON, 23.—Nicarágua e Honduras decidiram apresentar hoje, conjuntamente, à comissão interamericana de paz, um protesto contra a acusação, formulada pela Guatemala,

duma agressão ao seu território levada a cabo por aqueles dois países. Crê-se saber que as exposições que serão feitas pelos representantes diplomáticos daqueles dois países tendem a demonstrar o carácter essencialmente «revolucionário» dos acontecimentos que vêm ocorrendo na Guatemala.

A Comissão Interamericana de Paz reúne-se hoje, às 21 horas, a pedido do Governo das Honduras. Esta notícia chegou no momento em que circulavam vários rumores em Washington, segundo os quais aviões da Guatemala teriam bombardeado as Honduras. Até agora, estes rumores não foram confirmados. —(F. P.).

«Miss Alemanha»

já não é «Miss Europa»

PARIS, 23.—A coroa da rainha de beleza da Europa mudou a noite passada de mãos. «Miss Alemanha», que conquistou o título em Vichy, no fim da semana, no meio de protestos de alguns dos espectadores, teve de a entregar a Daniele Genault, francesa de 19 anos.

Depois da eleição, descobriu-se que «Miss Alemanha» não é «Miss». Os organizadores do concurso, que se realizou no Casino de Vichy, no domingo, ficaram desolados ao verificarem que a loura Christel Schach, de 26 anos, natural de Berlim, era viúva há dois anos. Decidiram proceder a um inquérito, do qual resultou estabelecer-se que uma viúva não podia ser «Miss Europa». Num cabaré de Paris, na noite passada, o título passou para Daniele Genault, segunda classificada no concurso de Vichy. —(Reuter).

A prisão de implicados

no contrabando de estupefacientes

OTTAWA, 23.—A Real Polícia Montada canadense colaborou intimamente com a Comissão da Polícia Internacional (INTERPOL) na prisão de três contrabandistas de estupefacientes, em Portugal, que poderá levar à liquidação de uma quadrilha internacional de traficantes.

Um funcionário da Real Polícia Montada disse que as prisões eram, em parte, resultado de investigações iniciadas em Montreal há seis meses. Comentava uma notícia de Lisboa, que dizia que uma quadrilha internacional de contrabando que exercia a sua acção nefasta em três continentes, introduzira drogas no Canadá, por Montreal. —(Reuter).

A participação dos Estados Unidos na Conferência de Genebra

WASHINGTON, 23.—Trinta parlamentares republicanos e democráticos, foram ontem convocados à Casa Branca, pelo presidente Eisenhower, a fim de ouvirem a leitura de um relatório do secretário de Estado adjunto, Walter Bedell-Smith, acerca da Conferência de Genebra. Nada se sabe, por enquanto, acerca dos resultados desta reunião, mas os parlamentares convocados, na sua maioria, membros das comissões dos Negócios Estrangeiros, dos Créditos, das Forças Armadas e das subcomissões do Extremo Oriente, tencionam, segundo se afirma nos círculos parlamentares, pedir explicações sobre as intenções do Governo acerca do Sueste asiático e dar a conhecer, ao mesmo tempo, a sua opinião. Este confronto de pontos de vista durará, sem dúvida, mais tempo do que aquele que fora previsto, pois a conferência de Imprensa do presidente Eisenhower, marcada para as 10 e 30, foi adiada «sine die».

Afirma-se que certos parlamentares tencionam levantar a questão da participação dos Estados Unidos na fase actual da Conferência de Genebra. Muitos deles parecem rejeitar uma prolongação dos debates, da qual só os comunistas poderão lucrar, enquanto outros argumentariam que os Estados Unidos nada mais têm a fazer do que esperar pelos resultados dos esforços da França para obter um armistício, sem que para isso seja necessário que se prolongue a estadia da missão americana em Genebra. É pois provável que, nesta ordem de ideias, um armistício indochinês aceitável ou um armistício indochinês inaceitável sejam discutidos.

As condições nas quais os Estados Unidos poderiam «desassociar-se» dos resultados da Conferência de Genebra serão examinadas durante esta reunião. —(F. P.).

A importância do Japão na defesa do Sueste asiático

WASHINGTON, 23.—O presidente Eisenhower declarou a noite passada, falando na «Associação Nacional de Educação», que era absolutamente necessário, para a segurança dos Estados Unidos, que o «Japão não caia sob o domínio comunista». Lembrou que este país era a pedra angular da política americana no Sueste asiático e no Pacífico. Concluindo, o presidente disse: «Se o Kremlin e os dirigentes da China comunista chegassem a controlar os imensos recursos da Ásia e fazer de forma a que o Japão lhes fornecesse uma marinha, o Pacífico tornar-se-ia um «lago comunista». —(F. P.).

Três divisões americanas

vão retirar da Coreia do Sul

WASHINGTON, 23.—Segundo fonte bem informada, os peritos americanos estudariam, actualmente, a possibilidade de retirar da Coreia do Sul, durante os próximos doze meses, três das seis divisões dos Estados Unidos que se encontram ali. Estas seis divisões incluem cinco divisões de infantaria e uma de fuzileiros navais. As divisões americanas que seriam eventualmente evacuadas, deixariam na Coreia todo o seu material, que serviria para equipar novas divisões sul-coreanas. —(F. P.).

Chuvas torrenciais no Japão e morte de 36 pessoas

TOQUIO, 23.—Morreram 36 pessoas, desapareceram 7 e há 3.000 casas danificadas devido às chuvas torrenciais que caíram no Japão, nomeadamente na região a Sul de Osaka. Durante o mês de Junho, morreram na mesma região e pelos mesmos motivos, 639 pessoas. As autoridades receiam que o desastre se agrave na região de Toquio, onde algumas pessoas ficaram soterradas devido aos deslizamentos de terras. Uma centena de barcos de pesca não regressou aos portos. —(F. P.).

A PANHA DE PRISÃO
Prestige
Sem perigo
80% DE ECONOMIA
EM TEMPO E
COMBUSTÍVEL!
COZINHADOS MAIS SABOROSOS!

Morreram 60.000 vacas

devido a uma greve de trabalhadores

FERRARE, 23.—Mais de 60.000 vacas das propriedades da região de Ferrare morreram lentamente de fome e de doença devido à greve dos trabalhadores agrícolas que dura há mais de dois meses. O gado representa, nesta região, uma das maiores riquezas e a sua perda reduziria milhares de trabalhadores à miséria, visto levá-los ao desemprego, sem possibilidades de solução. —(F. P.).

Um submarino inglês

esteve submerso três semanas

LONDRES, 23.—O submarino britânico «Tallyho», que largara das Bermudas há três semanas, veio ontem à superfície, pela primeira vez desde que partira, ao chegar ao largo das costas inglesas. O «Tallyho», que é esperado em Portsmouth amanhã, afundou, durante a última guerra, o cruzador japonês «Kuma», um «juggo» após o socorro LI e outros navios de guerra. —(F. P.).

UM NOVO NARCÓTICO

SAN FRANCISCO, 23.—O dr. John Lundy, anestesista da Clínica Mayo, declarou aqui ontem na Associação Médica Americana que um novo narcótico, chamado dolitrone, matava a dor em todo o corpo, embora deixando o doente consciente e capaz de utilizar os seus músculos. Fazia para todo o corpo o que um anestesico local faz em parte determinada do corpo. Disse que adroga poderia ser de grande valor em partos. —(Reuter).

Volto-se um barco à vela e morreram 7 tripulantes

LONDRES, 23.—Sete dos oito tripulantes dum barco à vela morreram afogados a noite passada ao largo da costa Leste da Irlanda. O barco voltou-se por motivos que ainda se desconhecem. O único sobrevivente conseguiu alcançar a costa a nado. —(F. P.).